

"ACREDITAM QUE OS ASSUNTOS RELACIONADOS À MULHER DIVIDEM O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES [...] CONTUDO, DESCONSIDERAR AS DESIGUALDADES EXISTENTES ENTRE HOMENS E MULHERES PARECE POUCO RAZOÁVEL"

**LUCIANA BUTZKE - PROFESSORA
A REVOLUÇÃO DAS MULHERES
PÁGINA 10**

"NÃO PRECISAMOS SER ROMÂNTICOS A PONTO DE CONSIDERAR QUE SEJA POSSÍVEL AMAR A TODOS E TODAS (PESSOAS E NÃO PESSOAS) DA MESMA FORMA. MAS ISSO NÃO IMPEDE QUE O IDEAL DE SOCIEDADE ESTEJA PAUTADO NO RESPEITO, NA TOLERÂNCIA, NO RECONHECIMENTO DO DIREITO DE SER"

**KARLA LUCIA BENTO - COLUNISTA DO EXPRESSÃO
COLUNA TRIUNVIRATO
PÁGINA 13**

"O FENÔMENO [...] NÃO PODE SER MINIMIZADO NEM TER SUA GRAVIDADE REDUZIDA. ELE NÃO SÓ INDICA QUE EXISTEM GRUPOS DE EXTREMA DIREITA, DE INSPIRAÇÃO FASCISTA E/OU NAZISTA, EM OPERAÇÃO EM BLUMENAU, COMO ATESTA DETERMINADA MENTALIDADE."

**LENILSO SILVA - EDUCADOR POPULAR
NEGRO, POBRE, GAY E UMBANDISTA
PÁGINA 9**



A ERA DA POS-VERDADE

Uma reflexão sobre a comunicação e o jornalismo em tempos de notícias falsas e manipulação digital

PÁGINAS 6, 7 E 8

TRAJETÓRIA E REFLUXOS NO MOVIMENTO SINDICAL BRASILEIRO

O primeiro jornal operário do Rio de Janeiro que circulou no Brasil foi ao Voz do Trabalhador, em 1908 até sua extinção em 1915. Teve uma tiragem de 4.000 exemplares em uma época muito difícil para manter uma publicação voltada para esse público. O Voz do Trabalhador foi um periódico anarquista promovido pela Confederação Operária Brasileira, dentre seus objetivos era discutir a relação entre anarquismo e o sindicalismo. Além dessa questão, outras como a repressão policial, carestia de vida, a solidariedade entre trabalhadores e até mesmo teatro e literatura libertária foram discutidas em suas páginas. Até mesmo Lima Barreto, cronista e romancista carioca escreveu uma crônica, intitulada “Palavras de um snob anarquista”, posicionando-se contra a repressão oficial promovida pelo governo republicano contra os imigrantes acusados de anarquismo. Era entre esses imigrantes europeus anarquistas que surge as primeiras organizações na forma de associações e ligas de trabalhadores.

Os sindicatos como forma de representação surgem depois do início da Revolução Industrial na Inglaterra e as questões cruciais da luta foram a redução da jornada de trabalho, que, sem nenhuma regulação, estendiam-se de 14 a 16 horas por dia com mulheres e crianças trabalhando nas fábricas e minas de carvão.

O Parlamento Inglês aprova em 1824 uma lei estendendo a livre associação aos operários, algo que antes era permitido somente às classes sociais dominantes. Com isso, começam a ser criadas as *trade unions*, organizações sindicais equivalentes aos atuais sindicatos.

No Brasil, uma nação de industrialização tardia, a luta pela jornada diária de oito horas de trabalho começa em 1907 no Rio de Janeiro, adquirindo uma dimensão nacional. As primeiras formas de organização foram as sociedades de auxílio-mútuo e de socorro, que objetivavam auxiliar materialmente os operários em períodos mais difíceis. Em seguida, são criadas as União Operárias, em 1906, durante o I Congresso Operário Brasileiro, que lançou as bases para a fundação da Confederação Operária Brasileira (C.O.B.). Nesse Congresso participaram as duas tendências existentes na época: 1. *Anarco-Sindicalismo*, negava a importância da luta política privilegiando a luta dentro da fábrica através da ação direta. Negava também a necessidade de um partido político para a classe operária.

2. *Socialismo*. Reformista, tendência que propunha a transformação gradativa da sociedade capitalista e defendia a Organização Partidária dos Trabalhadores e também participava das lutas parlamentares. A ação anarquista começa a se desenvolver entre 1906 até 1924, mas a segunda tendência se consolidaria nos anos seguintes. Em 1913 e 1920 são realizados os II e III Congressos Operários e nessa época o governo tentava de toda maneira controlar os sindicatos. Os Sindicatos Amarelos (luta imediatista) nesta época tinham lideranças sindicais que eram bem obedientes à ordem capitalista. Embora dirigissem categorias combativas como os ferroviários e marítimos se conciliavam com o Estado

Foi durante a Era Vargas que houve a concretização do sindicalismo nacional e também uma forma de controle do próprio governo, que passou a ratificar a formalização da existência do sindicato. Em 1930 foi criado o Ministério do Trabalho e em 1931 ocorreu a regulamentação da sindicalização operária e patronal. A Constituição do Estado Novo trouxe a unicidade sindical, assim como a proibição da greve e a instituição do imposto sindical. A Lei sindical de 1931 (Decreto 19.770), impunha um controle financeiro do Ministério do Trabalho sobre os sindicatos e definia o sindicalismo como órgão de colaboração e cooperação com o Estado. Cabe dizer que somente alguns sindicatos (25%) do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul aderiram a esta lei nos primeiros anos.

O movimento grevista foi intenso nos anos 30 e 40, conseguindo algumas conquistas como: Lei de Férias, descanso semanal remunerado, jornada de 8 horas, regulamentação do trabalho da mulher e do menor, entre outros. Algumas destas leis já existiam apenas para as categorias de maior peso, como ferroviários e portuários. Nesse momento estendeu-se a todos os trabalhadores. Entre várias décadas de luta, a última e importante fase do sindicalismo brasileiro foi durante o final do período militar no final dos anos 70 e início dos anos 80, quando as categorias mais mobilizadas davam o tom das lutas sindicais. Foi assim com as sucessivas políticas de indexação salarial, que uma vez conquistadas por categorias como metalúrgicos, bancários e petroleiros, logo terminaram se tornando regra geral para todos os assalariados. E foi assim, também, com todos os direitos inscritos na Carta Constitucional de 1988 a partir da pressão das categorias mais organizadas. As próprias centrais sindicais foram produto de um investimento por parte deste núcleo mais dinâmico do sindicalismo e tiveram papel importantíssimo na organização de segmentos de trabalhadores sem tradição sindical.

Em 1983 era criada a CUT, posteriormente a CGT e a Força Sindical. Hoje, as três maiores centrais sindicais existentes no país. No início dos anos 90 o movimento sindical perde impulso pela fragmentação das categorias e pela redução do número de operários metalúrgicos e dos bancários, dois setores importantes do sindicalismo, e que foram abatidos pelo desemprego. Os metalúrgicos foram desempregados pelas transformações produtivas, e os bancários foram desempregados pelas compras, fusões e informatização.

No Brasil, o reconhecimento do direito à greve e à organização sindical dos servidores públicos foi efetivado somente com a Constituição Federal de 1988. Aos trabalhadores do serviço público, era-lhes permitido no máximo a criação de associações com caráter recreativo, mutualista e cultural. Pois será precisamente no interior dessas associações, em grande parte criadas nos anos 60 e 70, que os trabalhadores do setor público realizarão o trabalho lento e persistente de construção das suas lutas e organizações de classe. De forma geral, os trabalhadores do serviço público realizaram suas primeiras lutas no interior das associações, consolidando-as como associações sindicais de fato, espaços de organização e reivindicação dos seus interesses de classe. Assim, foram criados no início dos anos 90 o SINSEPES e o SINTRASEB.

No entanto, vivemos um refluxo do movimento sindical e a lista de razões é ampla: subcontratações e terceirizações, precarização dos vínculos de trabalho, internacionalização das redes produtivas, redução da classe operária, mudança na forma de organização das empresas, aumento do sindicalismo de classe média, com outra lógica de ação, e principalmente o desemprego. O movimento sindical não estaria se adaptando aos “novos tempos das mudanças?” Para o professor da Universidade Federal de São Carlos Eduardo G. Noronha – autor de vários livros e artigos sobre o tema - tais efeitos, longe de serem colaterais ou produto da inadaptabilidade dos sindicatos à ‘nova agenda’, estavam na base do redirecionamento global das políticas econômicas. A retomada do impulso de acumulação e de concentração dos grandes capitais exigiu, antes de mais nada, o acúmulo das organizações de trabalhadores como condição para o deslanche das reformas liberalizantes, que de um modo geral se fazem às expensas de direitos sociais e trabalhistas”. Muitas categorias em negociação coletiva já estão sentindo a pressão de revisão de cláusulas há muito tempo já negociadas e direitos também consolidados, mas que estão em xeque diante das recentes reformas.

Muitos nem acompanharam bem a reforma trabalhista que entra em vigor no próximo mês, mas sentirão as diferenças em logo, logo. Muitos juizes do trabalho se preparam para reduzir os excessos e as arbitrariedades que a aplicação de alguns pontos da lei que podem vir a prejudicar o trabalhador. Nossa categoria de servidores públicos nesse discurso tende a enfrentar dias de luta, pois, a tendência é de igualar na administração pública condições e aspectos das leis trabalhistas respeitando-se as especificidades da organização. Portanto muitos embates estarão sendo travados em breve.

“

A retomada do impulso de acumulação e de concentração dos grandes capitais exigiu, antes de mais nada, o acúmulo das organizações de trabalhadores como condição para o deslanche das reformas liberalizantes

PARTICIPE DO EXPRESSÃO! Envie textos, opiniões, fotografias, charges... Entre em contato pelo email ou nos telefones abaixo!

DIRETORIA SINSEPES | 2014/2017

Presidente: Ralf Marcos Ehmke (CCSA); **Vice-presidente:** -, **Secretária geral:** Laurete Maria Ebel Coletti (CCS), **1ª Secretária:** Marian Natalie Meisen (CCT), **Tesoureiro:** Nazareno Schmoeller (CCSA), **1º Tesoureiro:** Valcir de Amorim (DAF), **Diretor de Cultura e Cuidados com a Saúde:** João Luiz Gurgel Calvet da Silveira (CCS), **Diretor de Imprensa e Comunicação:** Carlos Alberto Silva da Silva (CCHC), **Diretor de Assuntos Jurídicos:** Morilo José Rigon Júnior (CCEN), **Diretora de Formação e Relação Sindical:** Nevoní Goretti Damo (CCS)

CONSELHO FISCAL

Efetivos: Leandro Junkes (Betério Central) e Jorge Gustavo Barbosa de Oliveira (CCHC)

Suplentes: Márcio C. de Souza Rastelli (CCS), Selézio Rodrigues (DAC) e Wanderley Renato Ortunio (Etevi)

Projeto gráfico: Ana Lucia Dal Pizzol

Tiragem: 2.000 cópias. **Gráfica:** Grafnorte S/A (Apucarana, PR) - (41) 3598.1113 ou (41) 9926.1113

Jornalista Responsável: Magali Moser - MTB/SC 02353 JP
Luiz Guilherme Antonello (estagiário de Jornalismo)
jornal.sinsepes@gmail.com

As matérias assinadas são de responsabilidade dos seus autores.

Contato

Expressão Universitária é uma publicação do SINSEPES (Sindicato dos Servidores Públicos do Ensino Superior de Blumenau)

Endereço: Campus I da FURB - Rua Antônio da Veiga, anexo à cantina central - Victor Konder - Blumenau - SC - CEP 89030-903

Telefone: 47 3321-0400 | 47 3340-1477

E-mail: sinsepes@sinsepes.org.br

Página: www.sinsepes.org.br





INTERNAS

ELEIÇÃO NO SINSEPES EM BREVE

Em Assembleia Geral Extraordinária ocorrida na tarde de 13 de setembro na sala G-003, campus 1 da FURB, a categoria discutiu e deliberou a formação da Comissão Eleitoral das eleições do SINSEPES. De acordo com a assembleia, a comissão ficou estabelecida da seguinte forma: o professor (CCSA) Wagner Alfredo D'Avila como presidente, a técnica (CCSA) Márcia Schramm como primeira membra, a professora (CCJ) Ivone Fernandes Morcilo Lixa como segunda membra e o técnico (DAC) Julio César Passig Machado como suplente. O calendário do cronograma eleitoral do Sindicato ficou definido conforme consta abaixo.

Calendário eleitoral SINSEPES

13 de setembro - Formação da comissão eleitoral

17 a 20 de outubro - Inscrição das chapas até 17h

23 de outubro - Homologação das chapas inscritas. Divulgação da lista de eleitores e das regras eleitorais

25 de outubro - Prazo para impugnação e recursos - até as 17h.

27 de outubro - Deliberação e divulgação das impugnações e recursos pela comissão eleitoral.

22 de novembro - Eleições

23 de novembro - Deliberação e divulgação dos resultados

01 de fevereiro de 2018 - Posse da nova diretoria

RODA DE CONVERSA SOBRE CUBA SERÁ DIA 20

Uma roda de conversa para compartilhar impressões e experiências vivenciadas em Cuba está sendo organizada pelos professores e pesquisadores Nelson Garcia Santos, do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia da FURB; Simone Wagner, do Depto. de Biologia e Maria Roseli Rossi Avila, assistente social e doutoranda do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR). Nelson e Simone estiveram por um mês próximos dos intelectuais e pesquisadores cubanos e vão socializar estas experiências. Maria Roseli foi à Cuba enviada pela Cruz Azul Internacional (com sede na Suíça) para falar sobre dependência química para um grupo de 51 voluntários envolvidos na ajuda a dependentes químicos. A viagem de retorno dela foi antecipada por conta da passagem do furacão Irma no país. Maria Roseli estuda a gestão dos desastres no Brasil e sua presença em Cuba, nos dias anteriores ao furacão, permitiu-lhe observar a forma como a Defesa Civil daquele país atua. "Percebi que lá a prevenção é muito forte. Já começam a agir muito tempo antes do evento." Os abrigos, por exemplo, abriram uma semana antes do furacão. Os três pretendem compartilhar suas vivências no país dia 20 de outubro a partir das 19h no auditório do Bloco T da FURB. O evento é aberto ao público.



INTENSIFICAÇÃO DO ENSINO À DISTÂNCIA NA FURB PODE ATINGIR DISCIPLINAS PRESENCIAIS DO EIXO

Um estudo sobre a possibilidade de transformar as disciplinas gerais do eixo em educação à distância (EAD) e não mais presenciais está sendo tema de debate com professores nas últimas semanas na FURB. De acordo com a proposta apresentada pela Pró Reitoria de Ensino, a tendência é de que essas disciplinas deixem de exigir aberturas de concurso para professor substituto (PSPS) e passem a ser de responsabilidade total dos professores do quadro. O assunto foi discutido em reunião dia 5 de outubro, com a presença de docentes e do reitor João Natel na sala S-101 do campus 1 da universidade. Na reunião, ficou definido que a mudança, se implementada, será apenas a partir de 2018.2. Até o fechamento desta edição, em 8 de outubro, a proposta estava em debate para ser encaminhada ao Conselho Universitário (CONSUNI). Mas a proposta, nascida a partir da urgência e necessidade de corte de despesas, já preocupava docentes pela redução de carga horária da formação geral e pela possibilidade de disciplinas do eixo geral à distância, como é o caso de Universidade, Ciência e Pesquisa (UCP), por exemplo. Uma reunião com o colegiado será marcada em breve com a intenção de discutir a questão em profundidade. A adesão da FURB ao EAD ocorreu de forma tardia, considerando a atuação de outras instituições da região. Apenas em maio de 2015, o MEC autorizou a FURB a ofertar o curso de graduação em Turismo na modalidade à distância. O que se questiona agora é a forma como se pretende intensificar o processo.

NOVO EDITAL DE APOIO A PROJETOS DA FURB TEM PRAZO ATÉ NOVEMBRO

Por intermédio da Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação, Extensão e Cultura, a FURB lançou novo edital destinado a apoiar os projetos de extensão universitária para o ano 2018. Podem propor projetos servidores docentes do quadro da Universidade, no efetivo exercício de suas atividades e servidores técnico-administrativos (STA's) em função de nível superior, desde que com anuência manifestada por escrito, e contendo a assinatura da chefia do setor ao qual o STA encontra-se lotado. O edital contemplará 60 projetos de Extensão. Os projetos devem ser propostos obrigatoriamente a partir da escolha de uma área temática, e da especificação de uma subárea temática conforme Edital. São áreas temáticas: 1. Educação; 2. Cultura; 3. Saúde; 4. Direitos humanos; 5. Meio ambiente; 6. Trabalho; 7. Tecnologia; 8. Comunicação. Serão disponibilizadas até 129 bolsas de extensão para acadêmicos de graduação e de ensino médio, com valor mensal equivalente a dez créditos financeiros, por um período de até dez meses. As propostas devem ser apresentadas sob a forma de projeto e submetidas, exclusivamente via internet, até o dia 6 de novembro. O edital completo está disponível em <http://www.furb.br/editais/extensao/>

SINSEPES MANIFESTA SOLIDARIEDADE AOS FAMILIARES DE REITOR DA UFSC

A notícia sobre a precoce morte do reitor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), professor Luiz Carlos Cancellier, ocorrida em 2 de outubro, em Florianópolis, deixou a universidade brasileira de luto e a comunidade acadêmica consternada. A FURB se solidarizou à comunidade da UFSC, e decretou luto oficial de três dias. O SINSEPES manifesta a sua solidariedade aos familiares e amigos do Reitor Cancellier e se soma às entidades e pessoas que manifestaram inconformismo com o modo como foi tratado por autoridades públicas perante um processo de apuração de atos administrativos, ainda em andamento. Cancellier tinha 59 anos e era natural de Tubarão. Formou-se em Direito (1998), com mestrado e doutorado na área.

LUIZ ANTONELLO

EM DEFESA DA RACIONALIDADE

É tentativo afirmar que desaprendemos a pensar, frente ao fato de uma parcela significativa da população estar, ativamente, se recusando a usar de suas faculdades mentais. Porém, uma cursória análise da história da humanidade desmente a noção de que bizarrices dessa espécie têm origem recente.

POR GUILHERME DA LUZ

Estudante do curso de Serviço Social da FURB <guilherme-luz@outlook.com.br>

Vivemos em tempos pós-verdade, onde *fake news* impõem, a realidade objetiva é negada e uma grande tendência ao anti-intelectualismo, no Brasil e no mundo, se materializa. Corporações transnacionais do combustível fóssil financiam pesquisas que desmentem o aquecimento global. Abre-se novamente, sem embasamento científico, a possibilidade da homossexualidade ser classificada como doença. Teorias da conspiração acerca de judeus e comunistas se popularizam, com fôlego renovado. Tem gente dizendo que a terra é plana e pedindo a volta da monarquia.

É tentativo afirmar que desaprendemos a pensar, frente ao fato de uma parcela significativa da população estar, ativamente, se recusando a usar de suas faculdades mentais. Porém, uma cursória análise da história da humanidade desmente a noção de que bizarrices dessa espécie têm origem recente. Apesar do termo “pós-verdade” ter sido usado pela primeira vez em 1992, o fenômeno que ele descreve — manipulação da opinião pública por meio de apelos à emoção e distorção da verdade — é tão antigo quanto a raça humana. O chique “fake news” é simplesmente sinônimo de mentira. Monarcas e instituições religiosas tiveram grande sucesso em empregar estes métodos para o controle de suas populações, ao longo dos séculos. No entanto, há uma considerável diferença entre o cenário descrito e o mundo atual: as grandes instituições de nossas sociedades não são mais a única fonte de informações, nem podem mais ter esperança de controlar o seu fluxo. A tecnologia de informação que temos atualmente ultrapassou este velho paradigma, possibilitando que todos consumam e produzam notícias de maneira imediata e descentralizada. Pois então, porque mentiras ainda se proliferam?

Sem intenção de dar diagnósticos autoritativos, pode-se especular sobre as causas do fenômeno — o que leva pessoas a acreditarem em patentes falsidades, absurdas e facilmente desmentidas, quando carregam em seu bolso um dispositivo de acesso instantâneo à soma de todo o conhecimento humano? Será que não conseguem mais discernir a reputação das fontes, diante do dilúvio de informações? Será que, por causa da velocidade e quantidade dos dados, não temos mais tempo e energia para separar o joio do trigo informacional? Será que é porque pensar dá trabalho e é mais confortável acreditarmos no que queremos acreditar?

A esperança de que a internet erradicaria as desinformações mais crassas a circularem entre nós está frustrada. O efeito oposto se apresenta: pessoas escolhem previamente as câmaras de eco virtuais onde querem se fincar, de acordo com suas concepções de mundo, e não interagem mais com nada nem nin-

guém fora dela. Polarizam-se, reforçando sua visão de mundo a cada pedaço de informação suprimida e incompleta que passa por sua tela, ignorando os fatos que não lhes convêm. Mentiras viajam mais rápido que nunca, e possibilidades inteiramente novas de amplificação do grotesco brotante das franjas da humanidade se abrem. Os monarquistas tinham muito mais dificuldade de encontrarem uns aos outros e se organizarem, trinta anos atrás. Hoje a dificuldade de encontrar tais grupos numa busca na internet é trivial.

Este viés de ouvir somente o que se quer ouvir é nato da mente humana, e ninguém está imune a ele. Ninguém, nem os que se acreditam mais “desconstruídos”. Indivíduos e grupos que se consideram “progressivos” podem acreditar que estão acima de tais manifestações provincianas de pequenez mental. No entanto, podem ser identificados traços de irracionalidade em, literalmente, toda e qualquer pessoa, em maior ou menor escala.

Um destes traços é desconfiar excessivamente da ciência. Ilustra uma tendência mais ampla, a de se opor a absolutamente tudo que é mainstream, quase que por ato reflexo. Parece ser necessário afirmar aqui que nem tudo é construção social, e que existe, sim, uma realidade física objetiva. A crença em uma terra plana é tão demonstravelmente incorreta quanto a crença na astrologia, em remédios homeopáticos e em cura por cristais e imposição de mãos. Todos têm em comum o fato de terem sua validade pulverizada quando sujeitadas ao rigor investigativo científico, e de virem acompanhadas por teorias da conspiração, explicando o porquê de cada “verdade” estar sendo “censurada”. Zombar de quem enxerga comunismo na bandeira do Japão, enquanto carrega uma pedra no pescoço “para afastar más energias”, é sorratamente inconsistente. E, como já disse o eterno senhor Miyagi, conhecimento pela metade é mais perigoso que a falta de conhecimento.

Outro destes traços é a tendência ao culto de personalidade e a aderência à chamada “teoria do grande homem” - isto é, acreditar que o motor da história é movido por heróis, indivíduos supostamente superiores a seus pares, desconsiderando todas as pessoas e circunstâncias que os cercam. Mesmo dentro do contexto brasileiro se observa isso, quando todas as esperanças de melhora da conjuntura política são depositadas em um candidato à presidência — e ainda, um candidato com passado questionável. A escolha do “menos pior” corroe seriamente os padrões usados na avaliação dos candidatos. Muito contraintuitiva é esta fé na via institucional, em luz do que aprendemos sobre nossas instituições nestes últimos meses (e do que já sabíamos há décadas). Nas eleições de 2014, 28 dos 32 partidos envolvidos receberam doações de empreiteiras implicadas na operação Lava Jato, tanto legal quanto ilegalmente. Estatisticamente, as chances de um político trabalhar pelo bem-estar do cidadão comum, pelo menos em nível federal, é pequena. A votação que escolheu protelar as investigações acerca de nosso temerário presidente é apenas um dos exemplos mais recentes. Irracional, portanto, é esperar que grandes mudanças societárias surjam deste meio. É gostar de desilusão.

POLÍTICA PARTIDÁRIA

Ainda sobre política partidária, nota-se o quanto é irracional esperar que determinado partido, com conhecido histórico de promessas radicais e gestão centrista, que consistentemente fez alianças disparatadas com partidos de ideologias opostas,

“

A esperança de que a internet erradicaria as desinformações mais crassas a circularem entre nós está frustrada. O efeito oposto se apresenta: pessoas escolhem previamente as câmaras de eco virtuais onde querem se fincar, de acordo com suas concepções de mundo, e não interagem mais com nada nem ninguém fora dela. Polarizam-se, reforçando sua visão de mundo a cada pedaço de informação suprimida e incompleta que passa por sua tela, ignorando os fatos que não lhes convêm.

vá fazer, a partir das próximas eleições, o que não fez em mais de uma década de governo. Insanidade é fazer a mesma coisa de novo e de novo, esperando resultados diferentes.

“

Que todos os interessados numa sociedade mais justa e igualitária se atentem a suas próprias falhas. Que questionem incessantemente toda e qualquer informação que lhes é apresentada. Que tenham ciência de que a mente humana é uma máquina biológica falível, com incontáveis vieses, inconsistências, tendências ao irracional. Que tenham ciência de que seus piores inimigos também são humanos, assim como seus ídolos, produto de um processo de socialização

Na mesma veia de culto de personalidade, existem certas figuras do passado, presentes em memes de redes sociais, estampando camisetas e até figurando em referências bibliográficas de ensino superior, que deveriam ser escrutinadas com mais afinco. Raramente o homem faz jus ao mito e é possível que, ao adorar estas figuras, se defenda o indefensável despercebidamente. Alguns heróis ditos revolucionários mandavam aprisionar homossexuais, se acreditavam racialmente superiores, jogavam oponentes políticos em manicômios e não os davam direito a um julgamento. Ou faziam algo comparativamente mais ameno, como aprovar uma lei antiterrorismo que possibilita o enquadramento de estudantes secundaristas que ocupam suas escolas como terroristas. Qualquer que seja o tamanho do desatino, que os tenhamos em mente antes de postar “Fulano vive” ou “volta, Fulana” em redes sociais.

Observa-

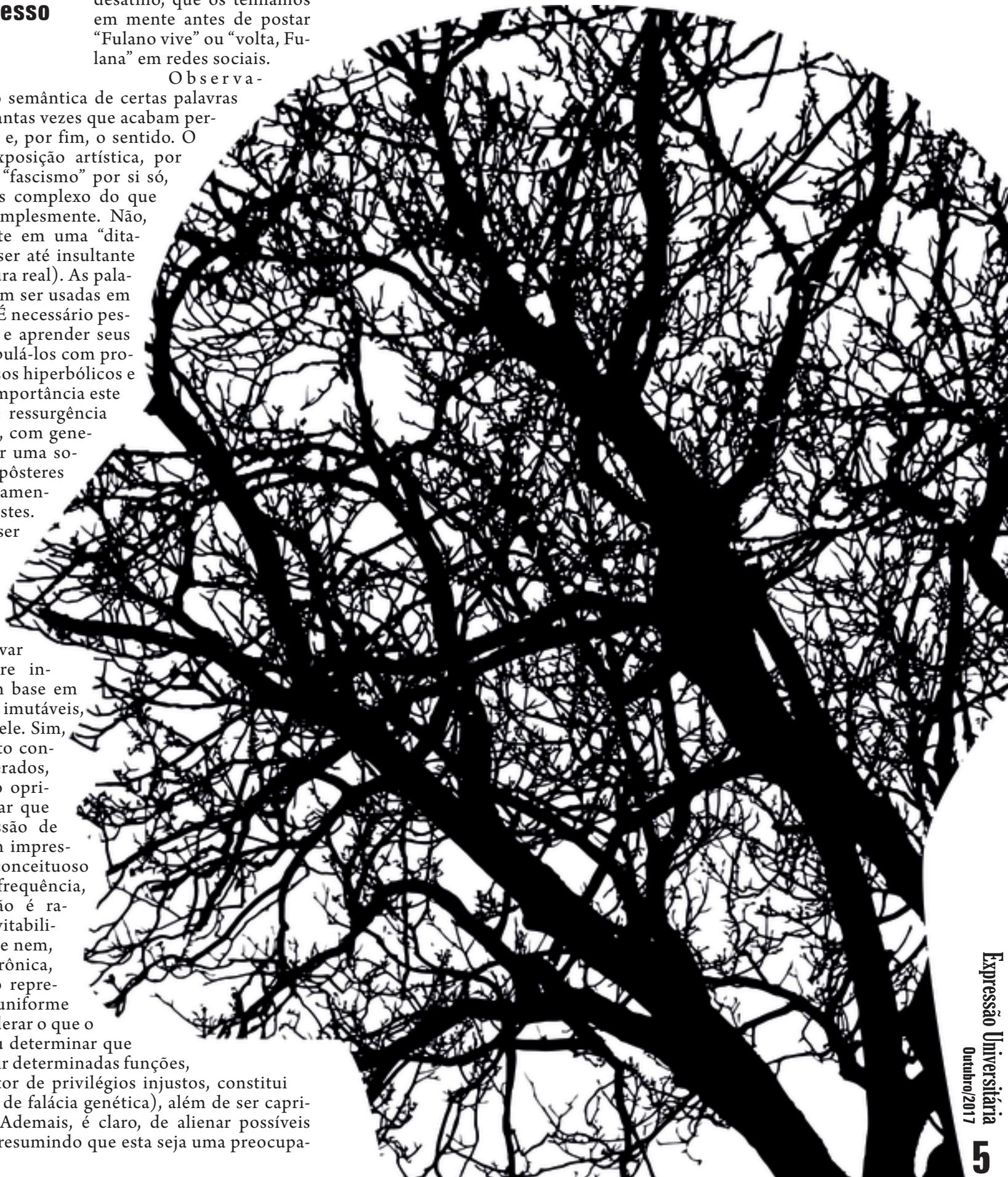
-se também a saturação semântica de certas palavras — quando são usadas tantas vezes que acabam perdendo a expressividade e, por fim, o sentido. O fechamento de uma exposição artística, por exemplo, não constitui “fascismo” por si só, porque fascismo é mais complexo do que a supressão da arte, simplesmente. Não, não vivemos atualmente em uma “ditadura” (aliás, essa deve ser até insultante pra quem viveu a ditadura real). As palavras têm sentido e devem ser usadas em contextos apropriados. É necessário pesquisar sobre os termos e aprender seus significados, para manipulá-los com proficiência e evitar discursos hiperbólicos e vâpidos. Tem especial importância este cuidado em tempos de ressurgência do fascismo de verdade, com generais prometendo “impor uma solução” à crise política e pôsteres neonazistas desgraciosamente adornando nossos postes. (Nota: “golpe” pode ser usado à vontade.)

Mais adiante, desenha-se uma perturbadora tendência, em meios ditos progressistas, de derivar conceitos prévios sobre indivíduos genéricos com base em características pessoais imutáveis, como gênero e cor de pele. Sim, isto significa preconceito contra grupos não considerados, tradicionalmente, como oprimidos. É correto afirmar que as estruturas de opressão de nossa sociedade deixam impressões de seu caráter preconceituoso em indivíduos e, com frequência, despercebidamente. Não é racional presumir a inevitabilidade destas impressões e nem, de maneira deveras irônica, perceber o outro como representante de um grupo uniforme e monolítico. Desconsiderar o que o próximo tem a dizer, ou determinar que este é incapaz de cumprir determinadas funções, por considerá-lo detentor de privilégios injustos, constitui falácia lógica (chamada de falácia genética), além de ser caprichosamente hipócrita. Ademais, é claro, de alienar possíveis aliados de uma causa, presumindo que esta seja uma preocupação.

Deixar que as respostas emocionais às mazelas da humanidade extravasem e se apresentem ao mundo cruas, em forma de sarcasmo e ataques pessoais, não é produtivo caso o objetivo seja o estabelecimento de um diálogo. Há que se ter propriedade dos fatos, construir argumentos factualmente corretos e sem furos lógicos, vestir a indignação com esta carapaça racional blindada contra os ataques que certamente sofrerá. Outra habilidade de vital importância em nossos tempos: identificar quem tem a capacidade e a vontade de transformar sua visão de mundo quando percebe inconsistências e erros em si próprio, e quem não tem. Afinal, é inútil tentar ser racional com alguém que não o é, e se as mídias sociais são um termômetro fiel da racionalidade dos usuários, algumas pessoas são, mesmo, irremediáveis.

Tendo dito tudo isso, é indispensável que todos os interessados numa sociedade mais justa e igualitária se atentem a suas próprias falhas. Que questionem incessantemente toda e qualquer informação que lhes é apresentada. Que tenham ciência de que a mente humana é uma máquina biológica falível, com incontáveis vieses, inconsistências, tendências ao irracional. Que tenham ciência de que seus piores inimigos também são humanos, assim como seus ídolos, produto de um processo de socialização desde a tenra idade que envolve um número incalculável de variáveis. Que não tenham medo de admitirem seus erros e com eles crescer, enquanto seres humanos. Que façam jus a seu discurso: que não se neguem a destruir partes de sua essência, se preciso for; que, de fato, se desconstruam. Caso contrário, qualquer sociedade que construamos invariavelmente incorrerá em alguns dos mesmos erros presentes em sociedades contemporâneas. A irracionalidade de outrem não é desculpa para sermos irracionais.

Nestes tempos de pós-verdade, do que menos precisamos é de mais gente que não pensa.



“A PÓS-VERDADE COMANDA AS SOCIEDADES HÁ SÉCULOS”

Convidado do Universidade Aberta em setembro, professor Nilson Lage (UFSC) reflete sobre o futuro do jornalismo em tempos de notícias falsas

POR MAGALI MOSER

Jornalista <magali.moser@gmail.com>

Desde que “pós-verdade” (*post-truth*) foi escolhida a palavra do ano de 2016 pela *Oxford Dictionaries*, departamento da Universidade de Oxford responsável pela elaboração de dicionários e uma das referências mais importantes do mundo para a catalogação de novas palavras e expressões, o termo reverbera no mundo intelectual. A escolha foi seguida da definição pela instituição que conceituou a “pós-verdade” como um adjetivo “que se relaciona ou denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais”.

Frente à propagação das notícias falsas e o crescimento da mentira, suas influências e implicações, o termo ganhou força e chegou a ser referenciado por alguns teóricos como “um símbolo dos nossos tempos”.

O programa Universidade Aberta em setembro refletiu acerca do assunto com o professor convidado Nilson

Lage, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Dividiram a mesa com ele, o professor e sociólogo Marcos Antônio Mattedi, colunista do *Expressão Universitária*, e o professor Sandro Galarça, do Depto de Comunicação, responsável pela mediação do debate e que também assina um artigo nesta edição (pág. 11).

O encontro, realizado dia 5 pela FURB através da Pró Reitoria de Pesquisa, Pós Graduação, Extensão e Cultura (PROPEX), apresentou como tema “Da pós-verdade aos fatos alternativos”, deixou lotado o auditório da Biblioteca. O reitor da FURB, professor João Natel, deu as boas-vindas ao público ressaltando a importância do debate, ao lembrar a frase de Casper Grathwohl, Presidente da *Oxford Dictionaries* em entrevista ao jornal americano *Washington Post*: “Dado que o uso do termo [pós-verdade] não mostrou nenhum sinal de desaceleração, eu não ficaria surpreso se ‘pós-verdade’ se tor-

nasse uma das palavras definidoras dos nossos tempos”.

O professor Nilson abriu a sua fala com uma análise conjuntural: “Com o processo de globalização, houve uma concentração do comando da informação no mundo. Hoje a informação no mundo é orquestrada a partir de um comando. Esse comando tem algumas lógicas”, destacou.

Com graduação em Letras (Português Russo) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/1977), mestrado em Comunicação pela UFRJ (1978) e doutorado em Linguística pela UFRJ (1986), Lage é aposentado compulsoriamente desde 2006 do cargo de professor titular do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, trabalha como colaborador em cursos de pós-graduação da mesma universidade. Publicou vários livros, especialmente sobre a estrutura da notícia. Ele concedeu a seguinte entrevista ao *Expressão Universitária*:

Expressão Universitária - Após 50 anos de atuação profissional, tendo se aposentado pelo Departamento de Jornalismo da UFSC em 2006 e produzido uma extensa produção bibliográfica referencial para o estudo do jornalismo, de que maneira o sr acompanhou as transformações vivenciadas pelo jornalismo no Brasil nos últimos anos? Qual, na sua opinião, foi a principal mudança?

Nilson Lage - A mais relevante transformação sofrida pelo jornalismo nas últimas décadas tem sido o abandono progressivo da função primária de informar em favor do compromisso ou imposição de convencer. O poder econômico hierarquizou e estruturou a produção dos veículos de modo a ter o controle quase absoluto do que se publica, colando a cada fato a versão conveniente, quando não o fabrica em episódios de pós-verdade.

Isso implicou regressão técnica.

Na primeira metade do Século XX, os jornalistas, nos Estados Unidos principalmente, mas não só de lá, desenvolveram uma série de técnicas que pretendiam liberar a informação factual do aparelhamento ideológico mais evidente – isto é, das falácias argumentais e lógicas tradicionais, da manipulação dos conceitos pelos métodos conhecidos – da imprecisão dos discursos e da incerteza das fontes.

Com esse objetivo,

(a) recorreu-se ao modelo aristotélico da proposição, que relata os fatos a partir do agente ou paciente de uma ação objetiva e suas circunstâncias de tempo, lugar, modo e instru-

mento. Causas e consequências transferiram-se para o discurso em terceira pessoa porque são relações que não existem na natureza, mas atribuídas pelos homens.

(b) pela mesma lógica, o relato testemunhal do que é aparente manteve-se afirmativo e o das essências tornou-se objeto de conjectura – geralmente o recurso a documentos e pessoas com conhecimentos particulares do assunto, de perspectivas variadas (científicas, técnicas, filosóficas).

(d) iniciou-se processo de crítica da linguagem centrado, inicialmente, nos adjetivos (também locuções ou sentenças adjetivas) que expressam ou embutem juízos de valor e avaliações imprecisas, substituídas por medidas acessíveis à percepção do público; nos advérbios e na conotação implícita em conectivos e relacionadores.

(e) buscou-se o uso consciente dos nomes, considerando suas conotações. Quanto aos conceitos complexos (liberdade, democracia, causa, verdade, justiça etc.), a postura básica era admitir a ambiguidade e tentar eliminá-la pela especificação do contexto.

(f) a primeira coisa que se mostrou evidente é que, quanto mais amplo e corrente for o uso de uma denominação, menos conotações ela carrega e menos manipulável é – razão por que os manipuladores empolam e especializam tanto seu discurso. O que se perde em precisão ganha-se em comunicabilidade, isto é, no custo de processamento da informação recebida.

(g) para facilitar a comunicação e evitar o enviesamen-



to do discurso, cuidava-se de traduzir para linguagem corrente e, quando necessário, definir pragmaticamente (para os fins informativos da matéria) palavras técnicas e jargões profissionais Reservavam-se as aspas exclusivamente para as transcrições literais e reproduções exatas de sentenças e palavras.

(h) distinguiu-se o fato primário, o que se constata, da interpretação, que é a inserção do fato em uma rede de outros fatos e de circunstâncias, . Com maior sutileza, a interpretação difere da opinião, que expressa e adota uma tese, com ou sem raciocínio fundado em fatos que pretendam corroborá-la. Confinou-se o humor, a ironia e a opinião a espaços próprios, valorizou-se o projeto gráfico e as imagens (nessa época, houve extraordinário avanço na arte e técnica da fotografia)

(i) separou-se nitidamente a fala do entrevistador e a do entrevistado: característica desse modelo é o uso abundante do discurso em terceira pessoa. No Brasil, a adoção de tal tratamento jornalístico implicou a aproximação do texto escrito com a fala da população urbana do país, incorporando-se inovações consagradas pelos autores do pré-modernismo (Monteiro Lobato e Lima Barreto) e do modernismo (Oswaldo de Andrade, Mário de Andrade e, especialmente, Graciliano Ramos); implicou também o afastamento de rituais oriundos da vulgata do direito praticada na escrita ou das relações de servidão entre as classes sociais.

Temos exemplos disso...

Lage - Exemplos interessantes são “indigitado” (agora substituído por “suposto”) e “suspeito”. Adjetivar assim um criminoso do qual se documentou o crime é admitir que o crime só existirá quando julgado e a acusação só ocorrerá quando a denúncia é formalizada em Juízo, o que funciona para advogados, não para qualquer outro falante da língua.

A prática histórica provou que um jornalismo assim – que narra os fatos, expõe a realidade com a fidelidade possível, e difunde sobre elas versões particulares identificadas – é inaceitável na sociedade em que vivemos, dependente da prevalência das versões convenientes aos detentores do poder da fala.

O jornalismo seria entendido como um serviço público voltado para a atualização do conhecimento das pessoas.

Ele permitiria, não só a prestação de desse serviço necessário, mas também a efetiva profissionalização do ofício e seu aperfeiçoamento por estudos acadêmicos nas áreas de semântica, semiologia (semiótica), análise do discurso, crítica dos mecanismos de controle social, teorias da percepção, estudos sociais e estatística. Jornalismo não é ciência social aplicada: é língua voltada e condicionada pelo meio social.

É ilusão imaginar que decretos bastam para definir profissões: elas se consolidam quando especializadas a ponto de se tornar socialmente reconhecíveis e teoricamente sustentáveis.

O modelo de jornalismo que nós – os jovens “idiotas da objetividade”, como definia o Globo – tentamos implantar no Brasil no final dos anos 1950 despertou a ira do poder em exercício e dos que o disputavam; no entanto, apego-me a ele e à convicção de que a verdade é progressista.

A crítica mais lamentável, no âmbito das ciências sociais é sustentar que a objetividade é impossível: equivale, em extremo, a declarar impossível a justiça e, relativizar todo conhecimento científico. Tudo que se diz seria provavelmente subjetivo, injusto e inverídico; estaríamos perto de afirmar a inexistência de objetos ou sua infabilidade. Estende-se, assim, ao jornalismo, a crítica do positivismo lógico; no entanto, ele transcende essa corrente ao valorizar a crítica, a pluralidade e o diálogo – e, é claro, não pretende um discurso honestamente humano, localizado e datado, apenas mais profissional e mais honesto.

A pós-verdade começa aí. Ela comanda as sociedades há séculos: o fim do mundo que virá logo, a atribuição à natureza de contingências históricas, a superioridade do branco europeu sobre os demais povos: tudo isso não passa de manipulação interesseira de pós-verdades.

Atribuir a pós-verdade às redes sociais, onde ela difícil-

mente alcança grandes proporções, não passa de artifício da mídia para disfarçar suas próprias mentiras, agora que o acesso à informação é mais amplo e os segredos menos protegidos.

Expressão - Na era da pós-verdade, qual a melhor forma de se informar sobre a realidade em que vivemos?

Lage - O princípio básico para quem se defende da pós-verdade é o ceticismo, o cultivo da dúvida, a rejeição permanente das convicções. Nenhum conhecimento deve ser tomado como definitivo, porque a realidade está em permanente construção.

A partir daí, é possível obter aproximações investigando a coerência das informações, confrontando fontes, criando critérios próprios de confiança. Quem diz algo diz por algum motivo: é preciso sempre questionar as intenções.

Notícias não se consomem como pílulas

Expressão - A crise no jornalismo não se resume ao modelo de negócio, mas também a uma crise de credibilidade da imprensa? Como superá-la?

Lage - Uma coisa se liga à outra.

Tal como aconteceu quando o sensacionalismo abalou os fundamentos do negócio, no início do Século XX, é preciso reinventar o jornalismo para, com base na credibilidade, tornar viável o patrocínio não direto.

Contra isso conspiram as circunstâncias. As grandes redes de informação comercial manterão seu poder por algum tempo. Abaladas em sua gestão tradicional pelo tumulto que se abateu no mercado publicitário e pelo processo de globalização, empresas tradicionais, tidas das mais confiáveis, foram incorporadas e cooptadas pelos sujeitos que controlam a máquina financeira global. . A informação que circula na mídia tradicional e que as mídias paralelas – regionais, locais, comunitárias e sociais repercute – obedece, em grande parte, a critérios editoriais ditados por gente como Rupert Murdoch, George Soros ou Jeff Bezos. Isso ocorre em todo o Ocidente – esse exótico espaço político que inclui no hemisfério geográfico, por exemplo, Japão e Austrália.

Em nenhum momento foi fácil manter uma empresa jornalística de qualidade sustentada por anúncios comerciais e, subsidiariamente, a venda avulsa – não apenas pelos custos industriais (máquinas gráficas e de emissão eletrônica, uso de espaço e suporte tecnológico) mas porque a captação de informações é cara e envolve riscos.

Houve sempre necessidade de recorrer a publicidade indireta, faturada ou não, que constitui os discursos-contras (concorrentes, governos, legislações) e as construções de cenários em benefício de agentes econômicos – o que geralmente se esconde sob a denominação de marketing ou de relações-públicas. É esse segmento que se expandiu e orquestra a opinião publicada.

Nesse contexto, mídias estatais são as mais transparentes e as mais profissionais, da BBC à Xinhua, da Deutsche Welle à Russian TV, até porque os interesses que as sustentam são mais facilmente identificáveis. De modo geral, fontes institucionais fornecem dados menos retorcidos.

A superação viável parece ser o uso inteligente da Internet. A questão é que a migração do contingente de consumidores da informação não se faz para veículos específicos, mas para as empresas que controlam redes globais de Informática. O repasse aos produtores de conteúdo dos recursos decorrentes, é limitado, eventual e inteiramente fora de controle.

Uma alternativa seria os estados nacionais ocuparem esse espaço, mas isso envolveria a superação do mundo global – não necessariamente o retorno ao estágio anterior.

Expressão - Recentemente, o sr defendeu em palestra a morte do jornalismo nos meios tradicionais. Como deve ser pensado o ensino do jornalismo diante desse processo de transformações e mudanças?

Lage - Não foi exatamente isso que disse. Sustentei que desaparecem condições para se fazer jornalismo na mídia tradicional.

O jornalismo precisa projetar seu futuro fora do horizon-



te jornal-rádio-tv, das redações grandes; repetir-se em unidades de produção menores aproveitando o custo zero da veiculação.

Refazer-se em termos técnicos, éticos e institucionais. Produzir conhecimento para poder aplicá-lo. Retomar experiências antigas que, no limite do que foi permitida, davam muito certo.

Como se fará isso, não sei. Mas pensar em termos de serviço público é um bom caminho.

Expressão - A imprensa brasileira tem um compromisso com a democracia?

Lage - Democracia é, hoje, palavra inservível. Esteve no nome do partido nazista alemão e está no da república da Coreia do Norte, no menos reacionário dos grandes partidos americanos e nos mais reacionários partidos brasileiros.

No conceito original, democracia é o sistema em que o povo decide pelo Estado; isso acontecia em assembleias que reuniam os cidadãos de Atenas, na Grécia antiga – membros de famílias assentadas há tempos..

As assembleias que se realizavam na ágora ateniense permitiram o desenvolvimento inicial da cidade. Quando a população cresceu – novos contingentes de cidadãos foram sendo incorporados e os interesses econômicos se diversificaram e ampliaram--, os debates tornaram-se exaustivos e as conclusões passaram a refletir mais a competência dos oradores do que a racionalidade dos argumentos. Surgiram mestres de retórica que se dispunham a ensinar aos mais ricos as artes do convencimento – os sofistas – e o sistema entrou em decadência. O apogeu de Atenas ocorreu sob a ditadura de Péricles.

O paradigma da democracia representativa formou-se no Século XVIII, sob o império do iluminismo e de sua aposta na racionalidade dos homens: as leis – portanto, as normas de gestão do Estado – seriam ditadas por representantes de correntes de opinião, em assembleias, com base no livre debate público dos assuntos a serem considerados.

A experiência nos dois séculos seguintes revelou a natureza emocional da conduta individual, das massas e multidões; sua resposta a estímulos e inibições da economia; a necessidade de preservar o segredo em razões de Estado; e, finalmente, a possibilidade de manipulação em ampla escala.

Os americanos, mestres nesse tipo de prestidigitação, reduziram a democracia à livre expressão do pensamento – desde que em certo espaço e amplitude – e à escolha de gestores e representantes entre candidatos indicados e patrocinados principalmente por grupos empresariais e religiosos, com predomínio dos interesses do capital financeiro..

Para ater-se à ideia original, imprensa democrática seria aquela que apresentasse em proporção combatível o ponto de vista de diferentes grupos sociais. Isso poderia acontecer graças à sustentação comercial dos veículos e à separação radical entre informação e opinião, no ideal dos Estados Unidos; ou com a concorrência de veículos com linhas editoriais e preferências políticas diversificadas, no modelo europeu.

Não é o caso, da mídia brasileira; também raramente é o da mídia mundial, onde pontificam, atualmente, pela credibilidade, veículos públicos e institucionais.

Expressão - A imprensa brasileira tem ficado refém das fontes oficiais e investigações judiciais. O sr é um defensor da reportagem, com aprofundamento, contextualização e imersão capazes de garantir a compreensão da realidade. No entanto, temos acompanhado a escassez deste gênero jornalístico dos veículos, em função do enxugamento das redações e das limitações orçamentárias. A reinvenção do jornalismo passa também pelo incentivo e fortalecimento da prática da reportagem? De que maneira o sr acredita que isso pode ser possível no atual momento de declínio das receitas das empresas jornalísticas?

Lage - Informação e educação custam caro.

Acredito que a solução poderia vir na forma de algum tipo de financiamento público – protegido, no entanto, de interesses econômicos e vieses políticos, sujeito a gestão profissional e ética; isso não é fácil, mas se consegue.

O nicho publicitário no mundo da Internet foi ocupado pelas empresas globais de tecnologia que repassam pequena parte dele aos produtores de conteúdo; e o financiamento individual espontâneo – o crowdfunding – não parece ter alcançado viabilidade como prática social

Expressão - A concentração dos meios de comunicação no Brasil, com a forte influência e propriedade de políticos no processo, gera um cenário específico. Qual seria a melhor forma de intervir nesta situação e garantir uma comunicação mais democrática e plural?

Lage - No Brasil, o que sustenta o poder midiático dos políticos donos ou associados a donos de emissoras e redes regionais de TV e rádio – os veículos de massa que contam – é a programação gerada pelas cabeças de rede nacionais, principalmente, de longe pelas Organizações Globo.

É por essa anomalia – uma empresa com poder quase comparável ao do Ministério da Informação de Goebbels – que o poder midiático das oligarquias deve ser considerado.

Expressão - O sr é citado por Adelmo Genro Filho, no livro O segredo da pirâmide, no fim da Introdução, com a frase: “Os jornais, em suma, não têm saída: são veículos de ideologias práticas, mesquinhas. Mas têm saída: há neles indícios da realidade e rudimentos de filosofia prática, crítica militante, grandeza submetida, porém insubmissa”. Particularmente, hoje, é possível ser otimista ou pessimista com relação ao futuro do jornalismo?

Lage - Otimista, é claro. A sociedade não funciona sem jornalismo, seja ele praticado de que maneira for, em que suporte for. ‘Será sempre o que eu escrevi aí, no remoto ano de 1979.

Expressão - De que maneira o sr. observa as mudanças na legislação trabalhista especificamente para os jornalistas, já bastante impactados com o processo de precarização da profissão?

Lage - Os trabalhadores perderam conquistas importantes – os jornalistas dentre eles. Mas muitos jornalistas consideram-se menestréis, aedos, profetas ou condutores de massas; julgam pertencer, com os patrões, a uma corporação diferenciada e coesa.

Vão ver que não é bem assim.



FOTO: LUIZ ANTONIELLO

NEGRO, POBRE, GAY E UMBANDISTA

POR LENILSO SILVA

Educador popular, ativista dos Direitos Humanos e acadêmico de História da FURB <lenilso13@yahoo.com.br>

Os cartazes recentemente afixados em postes de Blumenau com ameaças dirigidas contra negros, gays, comunistas, antifascistas e praticantes de religiões de matriz africana, materializam patologias profundas que atravessam nossa sociedade. São, infelizmente, só a ponta do iceberg. A integração, em termos iguais, da multiplicidade do humano na sociedade, tem sido um processo lento, doloroso e ainda muito longe de estar completo. Embora a maior parte das pessoas, ao menos publicamente, afirme que concorda com a igualdade, pouquíssimas, para além dos grupos diretamente atingidos, e às vezes mesmo dentro destes, estão dispostas a lutar contra as assimetrias sociais concretas que resultam de diferenças étnicas, religiosas, de gênero, políticas, e tantas outras. A igualdade, presa dentro do campo das ideias, convive, quase sem resistir, com um altíssimo nível de desigualdade concreta. Embalados pelo mito de que vivemos em uma sociedade tolerante, convivemos com estatísticas que evidenciam uma verdadeira guerra contra determinados setores da sociedade.

O Brasil é campeão de morte LGBTfóbica. A cada 28 horas uma pessoa entre Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros é morta por crime de ódio. Não temos a LGBTfobia criminalizada, não obtivemos o direito do uso do nome social, não temos a garantia dos direitos para nossos modelos de arranjo familiar e as políticas públicas não reconhecem nossas especificidades. Quando falo da população negra, o drama não é menor, sofremos mais de 300 anos de escravidão que explorou nosso trabalho e nos marcou como gado. Ainda sentimos a dor da chibata, somos minoria nas universidades e a maioria entre os pobres e os que estão na extrema pobreza. No mercado de trabalho, ocupamos os cargos de menor prestígio e pior remuneração e nossas manifestações religiosas, a umbanda e o candomblé, são discriminadas e perseguidas. Os jovens negros são os alvos preferenciais do aparato repressivo do estado, sendo, cotidianamente, vítimas de um verdadeiro extermínio.

Esses dados, trágicos, só não são piores porque alguns dos setores mais duramente atingidos se organizaram e mobilizaram, rompendo a invisibilidade a que eram condenados e conseguindo, por vezes, denunciar e criminalizar ações de extermínio e obter políticas afirmativas que reduziram, ainda que timidamente, as brutais desigualdades que atravessam nossa sociedade. Como mito, a igualdade é reconfortante, mas em uma sociedade rigidamente estratificada como a nossa, qualquer movimento que se faça para construí-la concretamente gera enorme desconforto. As ameaças, mais modestas, a parte dos privilégios étnicos, religiosos, de gênero ou qualquer outro são, através de um forte exercício de hipocrisia, rotuladas de ataques a igualdade, que afinal já reina, e então o ódio explode. A crise econômica do sistema capitalista, que se desenrola desde 2008, aprofundada pelas políticas recessivas do presidente ilegítimo, ao impor perdas materiais severas a quase toda a sociedade gerou frustração, e suponho que um problema de autoestima, entre setores que vinham melhorando de vida desde 2003 e explicavam tal melhoria se abrigando na lenda do mérito pessoal. Somados, o fim da invisibilidade de certas minorias, a modesta progressão de políticas públicas de igualdade, a decadência econômica de certos setores como resultado do golpe que eles mesmos urdiram, ódios antigos que são transmitidos de geração em geração, e se fortaleceram sobremaneira com o fenômeno da internet e

uma cegueira proposital diante de uma realidade marcada pela desigualdade e privilégios criaram um cenário em que o ódio acredita que tem razão e liberdade para falar publicamente. A recente ruptura, no Brasil, da ordem democrática e do estado de direito foi a sinalização final para que a intolerância se sentisse autorizada a tentar tomar as ruas.

O fenômeno que estamos presenciando, e que tem nos cartazes uma de suas expressões mais sinceras, não pode ser minimizado nem ter sua gravidade reduzida. Ele não só indica que existem grupos de extrema direita, de inspiração fascista e/ou nazista, em operação em Blumenau, como atesta determinada mentalidade, mistura de velhos e novos enganos, que habita os subterrâneos de nossa sociedade. O combate sem trégua é a única postura razoável diante de tais manifestações de intolerância, os problemas da igualdade só podem ser resolvidos com mais igualdade. Tal intimidação odiosa tem um objetivo claro, forçar os setores oprimidos a recuarem para a invisibilidade, perdendo direitos e aceitando a violência cotidiana de que são vítimas. Se tais manifestações devem ser objeto de ação policial e judicial, afinal estamos tratando de crimes previstos constitucionalmente, suas causas mais profundas devem ser combatidas em nossa sociedade. Uma das formas mais fecundas de combater a injustiça é dar visibilidade e voz aos injustiçados.

Este desejo, o de dar voz aos que não tem, foi o que me levou a ser candidato a vereador na última eleição e também o que moveu os 1267 blumenauenses que depositaram sua confiança em minha candidatura. Dia 07 de novembro, às 15:00 horas, para o horror dos artífices dos cartazes, Blumenau terá um vereador negro, militante LGBT, de esquerda, pobre e umbandista. Ao longo da história humana, sobretudo no ocidente, os cargos públicos, foram e continuam sendo, ocupados majoritariamente por homens, brancos, heterossexuais e ligados ao poder econômico. Na tradição política de Blumenau este perfil é ainda mais hegemônico, basta uma rápida conferência na lista dos que já ocuparam, ou ocupam, as cadeiras da Câmara de Vereadores ou os cargos de Prefeito e Vice. Este predomínio, passado e presente, de um determinado perfil de homem público leva parte da sociedade a viver um estranhamento quando mulheres, trabalhadores, negros e LGBTs começam a disputar e obter parte dos espaços de poder e decisão. Este predomínio, passado e presente, de um determinado perfil de homem público leva parte da sociedade a viver um estranhamento quando mulheres, trabalhadores, negros e LGBTs começam a disputar e obter parte dos espaços de poder e decisão. Este estranhamento deve ser superado em favor da democracia.

Tentarei, como sempre fiz em minha vida, através de uma relação horizontal e democrática com os movimentos organizados, dar voz a grupos que não podem nem devem mais ser invisíveis, grupos que cumprem seus deveres com a cidade e adquiriram assim o direito de ter direitos. Acredito, esperançosamente, que esta visibilidade diminua o estranhamento com as diferenças étnicas, religiosas e de gênero e de alguma forma contribua para lançar luzes contra as sombras que desejam se alastrar. Tentaremos, nos 30 dias de vereança, não só combater as posições intolerantes que vemos emergirem, algo que fazemos sem trégua, mas também realizar um mandato pautado pela defesa dos mais altos valores civilizatórios: tolerância, igualdade, justiça e afeto.

A REVOLUÇÃO DAS MULHERES



POR LUCIANA BUTZKE

Mulheres protestam em São Petesburgo às vésperas da Revolução de Fevereiro de 1917. Fonte: Schneider (2017, p. 8).

Doutora em Sociologia Política pela UFSC (2014), mestre em Sociologia Política na Universidade Federal de Santa Catarina (2007) e professora do Depto de Filosofia e Ciências Sociais da FURB <butzkeluciana@gmail.com>

Em sua poesia, *Perguntas a um operário que lê*, Bertold Brecht questiona: “Quem construiu Tebas, a das sete portas? Nos livros vem o nome dos reis. (...) Em cada página uma vitória. Quem cozinhou os festins? Em cada década um grande homem. Quem pagava as despesas?”. Os homens aparecem nas histórias: o operário, os reis, um grande homem. Por que as mulheres não aparecem?

2017 marca os cem anos da Revolução Russa. Que lugar tiveram as mulheres nas tantas páginas escritas sobre esse processo? Quais eram suas reivindicações? O que conquistaram? O que não conquistaram há cem anos atrás e permanece como luta no presente?

No dia 23 de fevereiro de 1917 (do calendário russo; no nosso calendário, 8 de março), mais tarde transformado em *Dia Internacional das Mulheres*, ocorreu uma greve de operárias têxteis em Petrogrado. Na ocasião, mais de noventa mil mulheres protestaram contra o czarismo e contra a miséria. Elas pediam o retorno dos maridos das trincheiras, já que a Rússia lutava na Primeira Guerra Mundial. A Rússia Czarista da época era marcada pela fome e pela miséria das maiorias.

A participação das mulheres no processo revolucionário foi motivada pela fome, pela injustiça e, sobretudo, pela esperança de contribuir na construção de um novo mundo. Mundo este que traria a superação do capitalismo e, portanto, das desigualdades de classe e gênero. No desafio da construção de uma sociedade comunista, era preciso encarar uma transformação nos modos de vida, na organização familiar e nas relações humanas.

Urgia libertar as mulheres da “escravidão do lar”. Para tanto, era preciso que elas conquistassem sua independência econômica. Para que isso se tornasse realidade ocorreu, em grande medida, a socialização do trabalho doméstico por meio de lavanderias, creches e restaurantes públicos. A libertação das mulheres foi uma “revolução dentro da revolução”: o trabalho doméstico ganhou a esfera pública.

Na organização familiar, a união livre substituiria o casamento. Por união livre entendia-se a união de pessoas autônomas, libertadas da dependência econômica e de regras impostas pelo Estado e pela tradição. Nas relações

humanas, conquistar-se-ia a igualdade de salário e de jornada de trabalho. Mas, se no início, a luta das mulheres teve avanços, posteriormente, ela também teria retrocessos.

No período stalinista, de 1930 a 1940, a seção feminina do partido foi dissolvida, a homossexualidade e o aborto (que havia sido legalizado já no ano de 1920) passaram a ser penalizados, a educação voltou a dividir homens e mulheres, o divórcio passou a ser dificultado (ele era permitido desde 1917).

Os problemas da época, longe de superados, seja na Rússia revolucionada, seja no Ocidente capitalista, continuam marcando as lutas do presente. Muitas mulheres trabalhadoras se consideram emancipadas. Trabalham fora, mas transferem o trabalho doméstico para outras mulheres, que têm menos escolhas. Não há emancipação para quem trabalha fora, assim como não há para quem trabalha na esfera doméstica. As estruturas patriarcais da família e do trabalho mantêm-se intactas.

Muitos homens e mulheres acreditam que os assuntos relacionados à mulher dividem o movimento dos trabalhadores, que deveria orientar-se prioritariamente contra a exploração dos trabalhadores, sem distinções de gênero. Contudo, desconsiderar as desigualdades existentes entre homens e mulheres parece pouco razoável. Novamente: as estruturas patriarcais da família e do trabalho permanecem intactas.

A construção de uma nova sociedade requer a retomada da história e a atualização do passado. Que as pessoas se unam e se mantenham juntas não apenas porque precisam reunir seus salários, sobreviver e reproduzir a força de trabalho requerida pelo capital. Numa sociedade livre da desigualdade, da exploração e da dependência (aqui, penso na dependência financeira das mulheres), as pessoas viveriam juntas pelo simples prazer de conviver umas com as outras. Nesta sociedade que ainda não é o que o que está destinada a ser, não faria sentido que as estruturas patriarcais da família e do trabalho permanecessem intactas.

Para saber mais:

GOLDMAN, Wendy. *Mulher, Estado e Revolução*. São Paulo: Boitempo, 2014.

KOLONTAI, Alexandra; ZETKIN, Clara. *A revolução sexual e a Revolução Socialista*. Estudos vermelhos, São João del-Rei, 2009.

SCHNEIDER, Graziela (Org.). *A revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia soviética*. São Paulo: Boitempo, 2017.

“

A construção de uma nova sociedade requer a retomada da história e a atualização do passado. Que as pessoas se unam e se mantenham juntas não apenas porque precisam reunir seus salários, sobreviver e reproduzir a força de trabalho requerida pelo capital.

POR QUE FALAR DE JORNALISMO NAS ESCOLAS?

POR SANDRO GALARÇA

Mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2004) e doutor em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (2010), é professor do Curso de Jornalismo da FURB <sandro.galarca@gmail.com>

Desde 2015, o curso de Jornalismo da Furb desenvolve nas escolas públicas de Blumenau o projeto de extensão Edujornalismo para o Letramento Digital. A iniciativa está fundamentada na construção epistemológica que se inicia na Universidade Regional de Blumenau por meio do novo curso Jornalismo, criado em 2014 sob as novas Diretrizes Curriculares Nacionais e atende à vocação universitária de olhar detalhadamente ao Ensino, à Pesquisa e à Extensão.

Em 2017, a proposta – que se justifica pela possibilidade do uso de dispositivos jornalísticos digitalizados em sala de aula com a intenção de produzir conteúdos, promover o letramento digital e a cidadania por meio da crítica à mídia – amplia consideravelmente seu modo de atuação. Com a nova política de extensão da universidade, o projeto passa a se chamar Edujornalismo para o Letramento Digital – uma proposta interdisciplinar e ganha o reforço de outras quatro áreas do conhecimento, agregando professores e bolsistas dos cursos de Publicidade e Propaganda, Ciência da Computação, Letras e História. A comunidade escolar onde o projeto está sendo desenvolvido é a EEB João Widemann, localizada no bairro Itoupava Norte.

A partir da interação entre professores de Jornalismo e docentes em outras áreas, com a participação fundamental dos bolsistas dos cursos envolvidos, estimulam-se questões relativas à produção e ao consumo de conteúdo, envolvendo a realidade das comunidades de pertencimento das escolas. A abordagem interdisciplinar proporciona uma melhor reflexão, através dos dispositivos informativos midiáticos sobre seus problemas da comunidade, na busca pelo conhecimento, melhorando o enfrentamento das situações-problema vivenciadas pelos estudantes.

Discutir e refletir sobre essas práticas na academia e no ambiente escolar vai ao encontro da proposta pedagógica que entende o Edujornalismo como um campo de mediações. Em decorrência dos diversos estudos realizados sobre o tema, principalmente nos Estados Unidos e na América Latina, a questão que ganha relevância e diz respeito às condições que os professores têm de conviver com o novo modo de comunicação, próprio das novas tecnologias e inerentes à natureza das comunidades virtuais que se apresentam, como redes sociais, mídias sociais e tantas outras denominações que podemos utilizar. Em outras palavras, cabe-nos discutir sobre os atuais e futuros paradigmas da educação em seu confronto ou associação com o mundo da informação e sobre o papel do professor nesta revolução tecnológica. (ROJO, 2013)

Entendemos o professor como um importante mediador deste e de outros contextos, sendo fundamental sua preparação tecnológica e técnica, que chamamos aqui de letramento, para enfrentar o desafio não só da formação conteudista dos alunos, mas também de sua formação humanística. Assim, se coloca um paradigma do qual não se pode fugir: ou o professor consegue decifrar o que está ocorrendo e se prepara para assumir um papel de protagonista no processo, ou será substituído por quem se disponha a servir o sistema que está sendo implantado. Para muitos especialistas, a questão-chave não está nas tecnologias, mas no próprio modelo de comunicação adotado. (MARTINS, 2012)

Neste ano, a Escola João Widemann comemora 60 anos de fundação, o que provocou uma alteração nas atividades de extensão, que precisaram ser moldadas ao universo escolar e suas demandas. Uma iniciativa que cumpre este papel é o Concurso Literário, criado por sugestão da equipe interdisciplinar de extensionistas, que pode desenvolver nos estudantes uma escrita mais criativa, além de um olhar crítico sobre a própria produção, sem esquecer do interesse pela Literatura. Tal proposta se encaixa perfeitamente nos objetivos do projeto, que almejam o compartilhamento sobre os materiais encontrados e produzidos nas comunidades e na Universidade, com o objetivo de valorizar o trabalho dos estudantes envolvidos nas comunidades, reforçar sua autoestima e mostrar a realidade das comunidades onde estão inseridas as escolas públicas. (MORESCO, 2016)

Por outro lado, cabe destacar o crescimento acadêmico e pessoal dos bolsistas e professores envolvidos no projeto. Por meio das experiências ligadas ao jornalismo, por exemplo, professores e bolsistas produzem conteúdo de forma sistemática, alimentando o blog criado especialmente para dar vazão a essas informações sobre o projeto e a escola (edujornalismofurb.blogspot.com.br) e também a página do projeto no Facebook ([facebook.com/edujornalismofurb](https://www.facebook.com/edujornalismofurb)). O mesmo acontece com as atividades desenvolvidas pelo professor e pelos bolsistas de História, Letras e Ciência da Computação. Essas práticas possibilitam uma simulação bem próxima do real ao mesmo tempo em que projetam a extensão da universidade para públicos bem mais amplos.

Destarte, a Universidade Regional de Blumenau oferece toda a sua estrutura, corpo docente e funcional para que a extensão se consolide como uma atividade permanente nas comunidades envolvidas. No departamento de comunicação, por exemplo, a integração por meio da utilização de laboratórios e expertise dos profissionais é evidente e já vem rendendo parcerias importantes. A de maior visibilidade ocorreu ainda no primeiro semestre deste ano, na realização de uma oficina

de rádio, quando um grupo de alunos da Escola João Widemann conheceu o estúdio localizado no bloco R. Uma oficina interdisciplinar ensinou os estudantes sobre a técnica e a prática radiofônica, com a condução do professor e técnico de laboratório Everton Darolt. Desta oficina surgiu o projeto da Rádio Escolar, em que os alunos utilizam o momento do intervalo para passar informações, tocar música e interagir com os estudantes. Todo o processo foi acompanhado pela bolsista e pelo professor de jornalismo e pelos demais bolsistas do projeto.

Da mesma forma, o laboratório de fotografia, o laboratório de vídeo e toda a estrutura dos cursos de comunicação da FURB – Jornalismo e Publicidade e Propaganda – são fundamentais quando o assunto é oferecer experiências significativas aos bolsistas, como forma de ampliar e aperfeiçoar sua vivência acadêmica por meio de um projeto de extensão. Em contrapartida, a comunidade escolar recebe bolsistas preparados e motivados a desempenhar suas atividades em cada uma das oficinas, que são: Webjornalismo, Radiojornalismo, Telejornalismo, Fotografia e Jornalismo Impresso.

As oficinas também são espaço importante de discussão e reflexão com os adolescentes sobre os direitos sociais representados na imprensa, como o direito à moradia, à educação, à saúde etc. Também é o momento em que os professores da rede pública entram em contato com o material produzido pelos extensionistas e absorvem um novo conhecimento e uma nova postura de diálogo e interação com outras realidades. O resultado é uma aula especial, com atividades diferentes daquelas previstas pela grade curricular. Os professores, em geral, são bastante receptivos e contribuem de maneira fundamental para a realização das oficinas, bem como participam ativamente das discussões com os estudantes.

Por fim, entendemos o jornalismo como uma forma de ler o mundo. A produção de informações, num cenário cada vez mais digitalizado e hiperconectado, interfere sobremaneira na forma como nos relacionamos em sociedade. Entender os fenômenos sociais que constituem o padrão comunicativo não nos parece uma questão a ser discutida apenas nos muros da universidade, mas sim merece ser levada à base do ensino público, historicamente refém de uma escassez de políticas públicas e de um planejamento para uma educação de qualidade.



FOTO: SANDRO GALARÇA

Referências:

COSCARELLI, Carla; RIBEIRO, Ana Elisa. Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. 3.ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2011.

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2014. 403 p.

MARTINS, Maria Silvia Cintra. Letramento, interdisciplinaridade e multiculturalismo no ensino fundamental de nove anos. Campinas: Mercado de Letras, 2012. 112 p, il.

MORESCO, Suy Mey Schumacher. A leitura e a escrita no ensino médio: um olhar para os eventos de letramento. 2015. 140 f, il. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau 2015. Disponível em: <http://www.bc.furb.br/docs/DS/2015/359675_1_1.pdf>. Acesso em: 8 dez. 2016.

RECUERO, Raquel da Cunha; BASTOS, Marco; ZAGO, Gabriela. Análise de redes para mídia social. Porto Alegre: Sulina, 2015. 182 p, il. (Cibercultura).

RODRIGUES, Bruno. Webwriting: redação para a mídia digital. São Paulo (SP): Atlas, 2014. xviii, 120 p.

ROJO, Roxane (Org.). Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013. 215 p. il. (Estratégias de ensino, v.40)

AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA EM BLUMENAU



POR DOTÉ PÉPE SEDREZ

Sacerdote de Umbanda e Candomblé, membro do Neab/Furb < pepe@ciacarona.com.br >

Não é de se estranhar que na pesquisa desenvolvida pelo projeto Focus, do curso de Publicidade e Propaganda da FURB, aponte um número tão pequeno - 0,6% de um total de 600 entrevistados - de pessoas que se declaram adeptos ou praticantes de religião afro-brasileira em Blumenau. A pesquisa foi conferir, de 8 a 22 de maio deste ano, os hábitos e as práticas do blumenauense nas questões de religiosidade e espiritualidade. Só para lembrar o resultado do projeto Focus: 61,3% se declararam católicos, 15,4% evangélicos pentecostal ou neopentecostal, 14,5% evangélicos protestante, 7,6% espíritas e 1,0% testemunhas de Jeová.

Diante destes números, vale destacar que no Censo IBGE 1980, a mais conhecida líder religiosa do candomblé do Brasil, Maria Escolástica da Conceição Nazaré, tão famosa como Mãe Menininha do Gantois, cantada em prosa e verso por Dorival Caymmi, ou nas vozes de Gal Costa, Maria Bethania, Caetano Veloso, incessantemente repetida no programa de televisão *Cassino Chacrinha* ou em passagens na obra de Jorge Amado, a Yalorixá (“mãe-de-santo”) que virou referência da religiosidade afro-brasileira no mundo, tenha se declarado católica apostólica romana.

Tantos séculos de dominação judaico-cristã não são e não serão facilmente esquecidos.

Cabe, então, fazer as seguintes perguntas: deste grande número de entrevistados pelo projeto Focus, quantos vestem roupas brancas na virada do ano? Quantos o fazem à beira-mar? Quantos jogam flores no mar? Quantos pulam 7 ondas? E durante o ano, quantos consultam o jogo de búzios (oráculo de Ifá)? Quantos consultam-se com entidades/guias espirituais? Quantos tomam passes nos terreiros de Umbanda? Ou quantos simplesmente vão benzer-se pela Preta-Velha? Quantos

blumenauenses procuram os Templos, Tendas, Casas de Caridade, Terreiros de Umbanda, Ilê Axé ou Kwès de Candomblé? Quantos, não só em nossa cidade, mas nesse vasto e miscigenado Brasil, buscam alternativas para seus problemas, seja para aconselhamento, orientação ou mesmo algum alento, nas casas de cultos de matriz africana, sem jamais assumir isso? Quantos

ainda sentem-se desconfortáveis para admitir que recebe ou recebera auxílio numa casa onde se pratica uma religião ainda não reconhecida como tal? Religião trazida pelos africanos escravizados, que não quer converter ninguém, não bate à sua porta aos domingos de manhã e não afirma ser o único caminho para a salvação.

Quando em nossa cidade permitimos faixas em frente à Igrejas Evangélicas que prometem “grande guerra contra a macumba”. Quando dentro destas igrejas promovem-se sessões de tirar o Exu ou a Pomba-Gira em rituais que se assemelham ao exorcismo afirmando, mentirosamente, serem estas entidades espíritos malignos. Quando certos líderes religiosos empenham-se ferozmente em seus discursos e incitação de ódio às nossas práticas. Quando cartazes com figuras da Ku Klux Klan ameaçam negros, comunistas, antifascistas e “macumbeiros” e são afixados na porta de nossas casas.

Quando temos vereadores de segmentos neopentecostais virando-se de costas em clara oposição e desrespeito enquanto discursamos na tribuna da Câmara Municipal de Vereadores. Enfim... quando todo esse ódio, preconceito, intolerância, erguem um gigantesco machado sobre nossas cabeças, quem terá a coragem de declarar-se adepto desta forma de cultuar sua espiritualidade em Blumenau?

“

Quantos blumenauenses procuram os Templos, Tendas, Casas de Caridade, Terreiros de Umbanda, Ilê Axé ou Kwès de Candomblé? Quantos, não só em nossa cidade, mas nesse vasto e miscigenado Brasil, buscam alternativas para seus problemas, seja para aconselhamento, orientação ou mesmo algum alento, nas casas de cultos de matriz africana, sem jamais assumir isso?

de cultuar sua espiritualidade



TRIUNVIRATO

MAIS AMOR, POR FAVOR!

Houve um tempo em que cenas de amor em filmes, novelas ou ao vivo em locais públicos me incomodavam. Eu ficava desconfortável presenciando beijos, desses de tirar o fôlego, principalmente quando acompanhada de minhas filhas. Aprendi desde cedo que boas mocinhas deveriam ter comportamento recatado. Isso permaneceu assim até o dia em que li um artigo e nele havia o questionamento sobre censurar cenas de amor para as crianças, mas não as de violência. Percebi que era um fato: eu não trocava o canal quando os telejornais traziam guerra ou crimes. Não que a violência não afetasse, mas era outro tipo de sentimento. Comecei a questionar por que o amor incomodava. Desde então venho refletindo e trabalhando com isso. Exercito o olhar para que cenas de amor possam passar o que elas são: amor. Mesmo que seja amor efêmero, de um instante, amor de desejo, de paixão. Não importa! Naquele momento é apenas uma cena de amor.

Divido isso com vocês como um processo de aprendizagem - simples, é verdade, mas que trouxe uma mudança de perspectiva. Colocou em evidência um preconceito meu, construído por anos de educação católica e moralista sem nenhum contraponto. E abriu possibilidades para que eu pudesse questionar outras verdades estabelecidas.

Já em relação às cenas ou processos de violência, quando vejo ou tomo conhecimento, trabalho comigo o inconformismo. Seja violência física ou simbólica. Violência de qualquer gênero e contra qualquer criação ou criatura. Não importa. Se é violência, tem que incomodar. Não evito presenciá-las porque sei que o fato de não ver não faz com que não existam. É preciso conhecer e reconhecer desde as mais sutis até as mais escancaradas formas de violência para poder enfrentá-las. Conhecer seus argumentos e contra-argumentar. Conhecer suas estratégias e criar outras de proteção e prevenção.

Violência e intolerância andam de mãos dadas e uma de suas origens é o preconceito que, como o nome sugere, é um conceito antecipado, um conceito de quem não conhece, não convive, ignora e, por vezes, considera a si mesmo superior. Preconceitos são alimentados historicamente. Às vezes por um discurso travestido de compaixão, como no caso da catequização dos povos indígenas e afrodescendentes que até hoje criminaliza religiões não cristãs. Dados estatísticos apontam um aumento significativo no número de denúncias de discriminação religiosa, principalmente em relação às religiões de matrizes africanas. Mas, por que a fé ou a forma de manifestação religiosa do outro incomoda?

Outras vezes o discurso preconceituoso objetiva o outro - humano, não humano, recurso natural ou capital social - a objetivação transforma tudo em mercadoria, em coisa e cada coisa tem seu lugar, tem seu preço e pode ser comercializada. Os corpos podem ser escravizados: corpos pobres, pretos e imigrantes são os mais visados. Vale lembrar que o Brasil foi o último dos países ocidentais a abolir a escravatura. Abolição que de fato não ocorreu para todos até os dias atuais. Uma organização britânica aponta, em 2017, o Brasil na 33ª pior posição em um ranking de 198 países em relação ao trabalho escravo.

A objetivação dos corpos perpassa também questões de gênero e as estatísticas em relação à violência contra a mulher, os dados sobre estupro, exploração sexual e a violência contra gays, lésbicas, bissexuais e transexuais/travestis, infelizmente fornecem a base que comprova

o fato. Trata-se de uma violência relacionada exclusivamente por ser de determinado gênero. Dados da ONU, de 2016, apontam que o Brasil tem a quinta maior taxa de feminicídio do mundo. Outro dado afirma que, até maio deste ano, 117 pessoas foram assassinadas por serem gays, lésbicas, bissexuais ou transexuais. Não por outro motivo. Apenas por terem uma orientação sexual diferente do padrão. O amor entre pessoas do mesmo sexo não fere ninguém. O preconceito e a intolerância, sim.

Neste jogo discursivo se constroem padrões de comportamento e valores morais cuja base é majoritariamente judaico-cristã, ocidental, masculina e heteronormativa. Atualmente, essa base vem acompanhada de intolerância e ódio, propagando ideias que incitam a violência e criminalizam quaisquer formas de expressão que questionem os padrões impostos.

Assim, a Arte, contemplação, denúncia, reflexão e pronúncia do mundo, foi transformada em apologia de situações que são apenas representações do cotidiano. Isso pela interpretação limitada e equivocada de inquisidores sociais que de arte entendem pouco ou absolutamente nada. O Queermuseu de Porto Alegre e o Corpo Nu do MAM que o digam!

Também não entendem de escola os que fazem a defesa da escola sem partido, não entendem de nação os que defendem o Sul é meu país ou de democracia os que pedem o retorno da ditadura e não entendem de amor, nem de corpo, nem de saúde ou de doença, os que apregoam a cura gay.

Na história da humanidade não são poucas as atrocidades cometidas em nome da fé, da Igreja, da crença na supremacia branca, da família e dos bons costumes. O cristianismo "pintou" Jesus de branco e lhe colocou lentes de contato azuis. Em

seu nome foram queimadas as bruxas e aqueles que ousassem desafiar as verdades estabelecidas - Galileu escapou por pouco. Foram assassinados indígenas e afroamericanos que não possuíam alma até que se convertessem ao catolicismo. A família burguesa é o coroamento dessa sociedade retratada na propaganda da "família margarina" com "Happy Day" como fundo musical: branca, hetero, classe média.

Não estou dizendo que essa família não possa existir, mas questiono que esse seja o modelo ou a melhor forma de constituição familiar. O que reúne as pessoas e as mantém assim é o amor. É o amor ao próximo e ao meio que constrói uma sociedade democrática, justa e igualitária. Não precisamos ser românticos a ponto de considerarmos que seja possível amar a todos e todas (pessoas e não pessoas) da mesma forma. Mas isso não impede que o ideal de sociedade esteja pautado no respeito, na tolerância, no reconhecimento do direito de ser, estar, conviver, se relacionar no mundo sem comprometer a existência presente e futura do planeta.

É sempre bom lembrar: existe cura para o preconceito e para a ignorância - ninguém nasce sabendo tudo, nem tão pouco nasce preconceituoso/a. Como diz a famosa frase, cuja autoria a internet atribui a vários pensadores: "a mente humana é como um paraquedas, só funciona bem quando aberta!" E, em muitos momentos da vida, podemos estar em queda livre. Um bom paraquedas pode ser útil nestas horas.



É sempre bom lembrar: existe cura para o preconceito e para a ignorância - ninguém nasce sabendo tudo, nem tão pouco nasce preconceituoso/a. Como diz a famosa frase, cuja autoria a internet atribui a vários pensadores: "a mente humana é como um paraquedas, só funciona bem quando aberta!"

CURTAS

RODA DE DEBATE ABORDA VIOLÊNCIA SEXUAL

Até o dia 15 de setembro, Blumenau havia registrado 62 casos de estupro contra mulheres, segundo o Sistema Integrado de Segurança Pública. E, de acordo com o 10º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, em 2015 foram registrados 45.460 casos de estupro no Brasil, cerca de 125 vítimas por dia, as informações sobre 2016 ainda não foram divulgadas. Estes dados são um dos assuntos a serem abordados na "Roda de Debate: violência sexual, gêneros e democracia", que ocorre em 23 de outubro, às 13h30, no auditório do Bloco J (Campus 1, FURB). A entrada é gratuita e as inscrições vão até o dia 20, pela página no Facebook "Ciclo de Debates: Violência Sexual, gênero e democracia". Serão apresentadas duas palestras: "Relações entre os significados atribuídos ao abuso sexual e a tomada de decisão dos(as) profissionais", com a Psicóloga Vanderléia Batista, do programa de Pós-Graduação em psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, e psicóloga so CREAS de Gaspar. E "Ausência da democracia de gênero na política eleitoral - causas históricas de uma gestão atual", com a professora Doutora Simone Lolatto, do programa de Pós-Graduação Interdisciplinar da UFSC e Assistente Social da Prefeitura de Florianópolis. Mais informações pelo e-mail ricardob@furb.br

SEMINÁRIO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NA FURB

O Seminário Regional pelo fim da Violência Doméstica contra a Mulher ocorre em 16 de novembro, na FURB, das 8h às 18h no auditório do Bloco J. A palestra de abertura será com Eleonora Menecucci, ministra chefe da Secretaria de Políticas para mulheres do Governo Dilma Rousseff. Na programação ainda, palestra com a pedagoga e camponesa Justina Cima, do Movimento de Mulheres Camponesas de SC. São 13 seminários regionais, que estão sendo realizados em todo o estado de Santa Catarina, pela Escola do Legislativo e pela Bancada Feminina da Assembleia Legislativa.

INTERAÇÃO FURB REÚNE MAIS DE 4 MIL ALUNOS

Cerca de 4500 alunos, vindos de mais de 150 escolas, participaram do Interação FURB, ocorrido em 27 de setembro. Aproximadamente 6.400 alunos haviam se inscrito para o evento, que dá a oportunidade a alunos do ensino médio de conhecer a estrutura da Universidade Regional de Blumenau e, também, de participar das oficinas organizadas pelos cursos de graduação, intercâmbio e cursos de curta duração. Essa interação auxilia os estudantes na escolha de qual curso seguir, sanar as dúvidas e apresentá-los as várias possibilidades de atuação dentro de um mesmo curso. Será das 8h às 22h e o local de encontro é na tenda do campus 1 da FURB. Para mais informações e consultar a programação acesse furb.br/interacao



ATIVISTAS PROTESTAM EM BLUMENAU CONTRA LIMINAR DA "CURA GAY"

O juiz Waldemar Cláudio de Carvalho, da 14ª Vara do Distrito Federal manteve a decisão de permitir as "terapias" de reversão sexual oferecidas por psicólogos, popularmente chamadas de cura gay, em 2 de outubro, após recurso do Conselho Federal de Psicologia. No último mês, diversas manifestações ocorreram no Brasil contra a decisão do juiz, que em 15 de setembro concedeu uma liminar para a suspensão da Resolução 01/99, norma do Conselho Federal de Psicologia de 1999, que proíbe o tratamento da homossexualidade como doença.

A resolução é baseada no posicionamento da Organização Mundial da Saúde (OMS), que não considera a homossexualidade uma patologia. Uma das autoras da ação contra essa norma do CFP é a psicóloga Rozângela Alves Justino. Em 2009, a psicóloga foi censurada pelo Conselho por oferecer terapia para curar homossexualidade masculina e feminina. No fim da tarde do dia 26 de setembro, a praça em frente ao Teatro Carlos Gomes ficou mais colorida com o Ato de Resistência LGBT - Revogação da Liminar da "Cura gay". No ato, LGBT's, psicólogos e ativistas se posicionaram contra a liminar. Um destaque foram as falas de transexuais, que discutiram a visibilidade trans e a luta para a despatologização da transexualidade. A manifestação foi organizada pelo Coletivo Liberdade. O processo ainda está em andamento. Para mais informações, acesse www.facebook.com/liberdadeblumenaulgbt

FURB PROMOVE DEBATE SOBRE RESSOCIALIZAÇÃO DOS APENADOS EM BLUMENAU

O Núcleo de Práticas Jurídicas, o Núcleo de Estudos Linguísticos e a Incumbadora Tecnológica de Cooperativas Populares promovem dia 11 de outubro, quarta-feira, uma mesa redonda intitulada: "Cárcere e a cidadania: da exclusão à ressocialização". O encontro será a partir das 19h no auditório da Biblioteca. A intenção é refletir sobre a realidade dos presos do Presídio Regional de Blumenau e de pessoas que cumprem pena em regime aberto.

O evento será uma oportunidade de socialização das ações que a universidade tem desenvolvido junto aos apenados. O objetivo é discutir a realidade do sistema prisional brasileiro, desmistificar o preconceito em relação à população carcerária, bem como a necessidade de reconhecer seus direitos e a importância das ações de ressocialização. O evento foi organizado em parceria pelos quatro projetos de extensão que desenvolvem ações com foco no público do sistema prisional. A mesa redonda prevê a discussão sobre a realidade da população carcerária, a partir da tese de doutorado da professora Lenice Kelner, e a apresentação dos projetos de extensão "Remição pela Leitura", "Assistência Sócio Jurídica", "Voltando ao Mundo do Trabalho" e "Remição de pena por meio do trabalho associativo". A atividade será ofertada aos estudantes de Serviço Social, Psicologia, Ciências Sociais, Direito, Letras e Pedagogia, demais áreas e interessados. Para realização da mesa redonda, foi reservado o auditório da Biblioteca e pactuou-se a participação dos estudantes das referidas áreas de saber. Como resultado dessa ação, busca-se ampliar o universo informacional dos estudantes sobre o tema, esclarecer dúvidas e problematizar leituras distorcidas dessa realidade, assim como desmistificar o preconceito em relação a população carcerária. Na oportunidade também serão divulgados os projetos de extensão desenvolvidos pela Universidade Regional de Blumenau. Segundo informações colhidas pela ITCP na Central de Apoio a Execução Penal do Fórum da Comarca de Blumenau, a população carcerária no município é de 1.725 pessoas, sendo 643 em regime fechado e os demais em outros tipos de regime. As atividades estão divididas em três projetos de extensão - envolvendo os cursos de Direito, com a assistência jurídica, Letras, com ação de apoio à remissão de pena pela leitura e a ITCP apoio à reinserção de apenados e egressos no mundo do trabalho. A FURB busca contribuir com o processo de ressocialização dos apenados.



INSPIRAÇÃO

UM MÊS DEDICADO À PREVENÇÃO DO CÂNCER

POR MAGALI MOSER

Jornalista <magali.moser@gmail.com>

- Agora está tudo bem de novo. Eu sempre procuro ver o lado positivo das coisas. Tudo tem um lado bom.

- E qual foi o lado positivo de ter enfrentado tudo isso?

- A gente se dá conta de que a vida é curta. Que hoje a gente está aqui, amanhã não se sabe. Serviu para repensar muitas coisas. A gente sempre quer tanta coisa. Parece que nunca está bom. A gente sempre quer mais, principalmente coisas materiais. Podes ter o melhor emprego do mundo e ser a pessoa mais rica do mundo. Eu percebi que nada disso adianta se não tens saúde. Eu coloquei na minha cabeça que seria passageiro. E eu acho que ainda tive sorte, todas as vezes, foi muito pontual. É nisso que eu me agarro.

É assim, com uma carga forte de otimismo e superação, que a assistente social Andreia Martini Pilatti, 41 anos, resume para mim a sua caminhada na luta contra o câncer. Nos últimos sete anos, a servidora do setor de Divisão de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas (DGDP) da FURB enfrentou três tratamentos contra o câncer de mama. Quando achou que finalmente estivesse curada, um novo tumor foi encontrado e exigiu novas sessões de quimioterapia. Ela optou por mastectomia (a remoção total das mamas) como forma de prevenção. Mesmo depois da cirurgia, recebeu um novo diagnóstico com o retorno do tumor. Entre risos e lágrimas, ela conversou com o *Expressão Universitária* e contou sobre o processo de enfrentamento da doença. O momento mais difícil da conversa se remete também ao pior do tratamento: o peso do diagnóstico, quando recebeu o resultado da ultrassonografia com a indicação para biópsia, em 2011.

- Aí a ficha caiu, era a praticamente a confirmação da existência do câncer e de tudo que estava por vir. A confirmação veio com a biópsia - relembra.

Ela saiu do laboratório com o resultado do exame em mãos. Estava sozinha, no elevador do prédio, quando decidiu abrir o envelope. Até aquele momento não imaginava que poderia ter câncer de mama. Não tinha histórico na família e tinha boa saúde.

- A gente nunca acha que vai acontecer com a gente - conta, sem segurar as lágrimas. E continua: - Eu sempre choro nesta parte, é como se revivesse esse momento. Hoje eu consigo falar de tudo, mas sempre que eu toco nesse ponto eu ainda choro e me emociono.

RFCC INTENSIFICA AÇÕES DE PREVENÇÃO

Superar o câncer de mama é o desafio diário de mulheres que buscam apoio na Rede Feminina de Combate ao Câncer (RFCC), fundada para dar suporte a quem atravessa este período de tratamento. Mulheres de todas as idades ganham apoio com voluntárias que levam esperança e pintam de cor-de-rosa monumentos públicos, com a intenção de atrair a atenção para o tema e promover a conscientização. Desde 2010 em Blumenau, a campanha Outubro Rosa busca disseminar a importância do diagnóstico precoce e a prevenção do câncer de mama e de colo de útero, os mais comuns entre as mulheres. A programação contempla diversas ações e faz parte de um movimento internacional de luta contra

Sobre o Outubro Rosa:

É um movimento conhecido e comemorado internacionalmente. O nome remete à cor do laço rosa que simboliza, mundialmente, a luta contra o câncer de mama. Este movimento começou nos Estados Unidos, na última década do século 20. No Brasil a primeira iniciativa aconteceu em outubro de 2002, com a iluminação em rosa do monumento Mausoléu do Soldado Constitucionalista (Obelisco do Ibirapuera) em São Paulo. Mas somente em outubro de 2009, com a multiplicação das ações relativas ao Outubro Rosa em todas as partes do Brasil, entidades

o câncer.

- A mulher tem de ter atitude para fazer o exame, requer coragem porque se descobrir algo precisa começar o tratamento. O diagnóstico precoce é importante porque a partir dele, o tratamento leva a cura - destacou a Presidente da RFCC, Maria Christina Dorigatti.

Casos de tumores são as principais causas de mortes em Blumenau. Dados elaborados pelo Sistema de Informações Gerenciais e de Apoio à Decisão da FURB com base no Sistema de Informações sobre Mortalidade apontam que em 2015, estatística mais recente divulgada pelo SIGAG, foram 447 mortes provocadas por cânceres. Em segundo lugar aparecem as doenças do aparelho circulatório (394). Levantamento do ano anterior (2014) mostra que brônquios e pulmões são os tipos mais comuns de neoplasias malignas, seguidos pelo de mama. De acordo com o Instituto Nacional do Câncer (INCA), a estimativa de novos casos de câncer de mama no Brasil em 2017 é de 57.960.

Só em Blumenau, a RFCC conta com mais de 130 voluntárias distribuídas em vários setores, como apoio nos Hospitais Santo Antônio e Santa Isabel, palestras em entidades, além dos trabalhos na sede. Ano passado elas atenderam a cerca de 12 mil mulheres. Em 2016, foram feitas 1700 mamografias pela Rede. Elas encaminharam 159 ultrassons particulares e 13 pelo SUS. Foram encaminhadas 21 mulheres para atendimento médico mastologista, com suspeita de câncer de mama, sendo seis casos confirmados. De fevereiro a junho deste ano, foram feitas 970 mamografias, 56 encaminhamentos para ultrasson particular e 14 via SUS. Neste mesmo período, foram 12 casos de suspeita de câncer de mama e quatro confirmados. Até outubro já foram dez, mais que ano passado.

A programação da campanha em Blumenau este ano foi lançada em 1º de outubro pela RFCC, com a ação de pintar de rosa a Ponte Comendador Souza e Silva, próxima ao Biergarten. A RFCC produziu uma camiseta exclusiva em alusão à campanha. Elas estão à venda por R\$ 20 na sede da Rede, na Rua Itajaí, e serão revertidas em ações de conscientização.

Serviço: Rede Feminina de Combate ao Câncer de Blumenau Rua Itajaí, 150 - Vorstadt. Telefone: (47) 3326-6585 (secretaria)

relacionadas ao câncer de mama e empresas se unem para expandir a campanha.

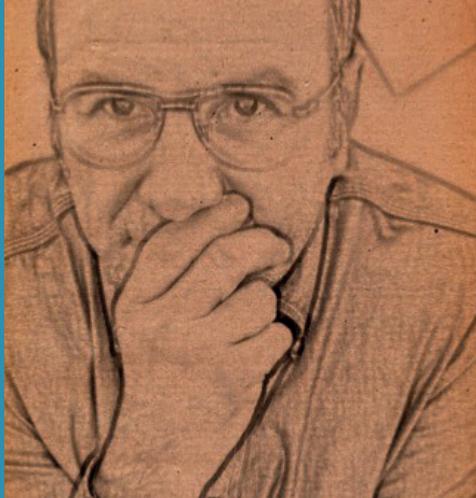
Em Blumenau, a campanha do Outubro Rosa teve início em 2010 pela Rede Feminina de Combate ao Câncer, que foi pioneira no estado de Santa Catarina. Desde então, a entidade promove um programação especial durante todo mês de outubro que inclui palestras, eventos sociais, esportivos e de integração e conscientização à população para a importância da manutenção da qualidade de vida saudável e de atenção com a saúde, em especial das mulheres.

Outubro Rosa

FOTO: LUIZ ANTONELLO



Com a força de quem superou três tratamentos contra a doença, a servidora da FURB Andreia Martini Panini relata seus momentos de fragilidade e superação



LADO B

MUITO ALÉM DO CAMPUS

As eleições do SINSEPES colocam uma questão desafiadora para os trabalhadores da FURB: como podemos ter um SINSEPES forte numa FURB fraca? Mais precisamente: como reverter a precarização salarial dos servidores sem encarecer as mensalidades? Para responder esta questão é preciso considerar o perímetro de atuação do SINSEPES diante das condições de possibilidade de desenvolvimento institucional da FURB. Portanto, para responder estas questões é necessário efetuar duas chamadas analíticas: a) o que são sindicatos enquanto organizações sociais; b) qual o contexto institucional em que atuam.

Sindicatos constituem associações de defesa de interesses comuns. Muito embora exista uma infinidade de grupos que se autodenomina sindicatos (organizações de agricultores, associações patronais e industriais, associações de ex-alunos, grupos ou redes profissionais, etc.), o uso corrente restringe às associações de trabalhadores. É que o sindicalismo se converteu num ator de combate ao padrão predominante de desenvolvimento capitalista e às formas liberais de dominação política. Consequentemente, a intermediação sindical constitui uma luta

política dos trabalhadores pelo controle do trabalho.

O sindicalismo pode ser descrito como a institucionalização política do movimento operário. O movimento operário exprime a luta contra a dominação salarial do trabalho. Ao longo do Século XX esta luta transformou-se num poderoso vetor de mobilização e numa ferramenta eficaz para combater a marginalização social das classes trabalhadoras. Neste sentido, o sindicalismo representa o reconhecimento da legitimidade política da causa dos trabalhadores pelo Estado. Porém, nas três últimas décadas verifica-se um progressivo enfraquecimento da capacidade de luta dos trabalhadores e mobilização sindical.

Por um lado, a redução da capacidade de organização sindical está associada à

precarização das condições de trabalho. Este processo está relacionado a dois fenômenos que se encontram interligados: a) a entrada de 800 milhões de chineses no mercado de trabalho mundial reduziu a capacidade de negociação dos sindicatos em nível nacional; b) o aumento do setor de serviços quebrou o sentimento de identidade da classe trabalhadora. De forma geral, atualmente os trabalhadores são menos sindicalizados, experimentam longos períodos de desemprego e se concentram no setor de serviços.

Por outro lado, o enfraquecimento sindical está relacionado à incapacidade de renovação das práticas sindicais. Neste sentido, é possível destacar dois conjuntos de fatores: a) a carência de atualização administrativa, comportamental e cognitiva por parte dos sindicatos e sindicalistas; b) políticas anti-sindicais, divisões ideológicas no movimento operário, rivalidades inter-sindicatos. Isto envolve tanto a questão da democracia sindical relativa às relações, processos decisórios e regras dos sindicatos, quanto os limites da militância profissional, dos ritos das assembleias e do aparelhamento político das lutas.

Neste contexto organizacional e institucional a atuação do SINSEPES não é diferente. O SINSEPES foi criado em 1993 por dois motivos. Primeiro, o processo de transformação da FURB numa universidade pública instituiu regras de negociação coletiva: até 1993 não havia plano de cargos e salários opondo-se ao SINPROESC; segundo por que os “Cordeiros” perderam o controle da representação dos funcionários: a representação de interesses dos trabalhadores era intermediada pela ASEF (1984) e pela APROF (1979). Embora o sindicalismo em geral e o SINSEPES seja decisivo no desenvolvimento da FURB ele permanece ainda muito mal conhecido.

Apesar da base territorial abranger os municípios de Blumenau, Timbó, Gaspar, Indaial e Ibirama, o SINSEPES se reduz a um sindicato de empresa. Mais precisamente, o SINSEPES representa os interesses dos trabalhadores de apenas uma instituição e não de uma categoria profissional de trabalhadores. Esta formatação confere ao SINSEPES duas características principais. Por um lado, ao representar os profissionais dos servidores públicos do ensino superior refere-se somente aos servidores da FURB; por outro, o caráter misto impede o SINSEPES de se filiar às associações nacionais como a ANDES.

Como funcionários da Administração Pública Indireta do Município de Blumenau, os servidores da FURB trabalham num “safer space”. Sabem que para ter o “merecem” não precisam se “mover”... Afinal, existe uma relação de identidade de interesses entre a administração superior e os servidores. Mais precisamente, reitores, pró-reitores, chefes de divisão

também se beneficiam das reivindicações conferidas aos funcionários. Até o Decreto N. 9199 de 30 de junho de 2010 a atuação sindical na FURB era um faz de conta. Todos ganhavam... Se todos ganham, quem perde? Quem pagava era a sociedade da região!

Por isto, o melhor SINSEPES será aquele que conseguir evitar que a defesa dos interesses dos servidores da FURB se reduza apenas à defesa de interesses corporativos. Desta forma, o SINSEPES precisa olhar para fora da FURB. Por exemplo, o *Expressão Universitária* constitui uma porta de entrada da sociedade na FURB. Assim, o SINSEPES precisa ampliar os mecanismos de comunicação e cooperação com a sociedade organizada. Em outras palavras o SINSEPES deve olhar para o comum e não para o específico: participar ativamente do desenvolvimento da região do Vale do Itajaí dando forma social a FURB.

Neste sentido, o desafio do SINSEPES é transformar a luta contra a precarização crescente das condições de trabalho na FURB numa nova visão de universidade. Afinal, não custa lembrar o Artigo 4 da Estatuto da FURB: “Fundamentada no princípio inalienável da liberdade de pensamento e de crítica, a FURB é uma instituição integrada à comunidade, agente de transformações sociais e tem como missão básica a promoção do desenvolvimento científico, tecnológico, artístico e cultural e a realização de ações sociais, esportivas, ambientais e de saúde, com vista ao bem estar e à valorização do homem.”

O SINSEPES foi criado numa fase de expansão institucional da FURB e atua numa fase de retração. Num momento em que a FURB encontra-se tensionada externamente e dividida internamente, o desafio do SINSEPES é formular e apresentar uma agenda de desenvolvimento institucional para FURB. Mais precisamente, o SINSEPES deve sacrificar os interesses corporativos da categoria em detrimento de interesses de desenvolvimento institucional. Em outras palavras, sinalizar para a sociedade a importância da FURB para o desenvolvimento da região e comprometer os servidores neste projeto.

Afinal, a longo prazo não podemos seguir nos autoenganando: o SINSEPES só existe através da FURB. E se o SINSEPES reflete a FURB... A FURB reflete a região... E a região está quase desistindo da FURB. Assim, o declínio institucional da FURB delimita o padrão de atuação do SINSEPES. Isto significa que a medida que a FURB perde centralidade no desenvolvimento regional, o SINSEPES precisa expandir sua agenda para além dos interesses do campus. Não podemos esquecer que a FURB não pode ser reduzida a um meio de realização de melhorias imediatas. Portanto, o SINSEPES somente será forte quando a FURB for forte.

“

A longo prazo não podemos seguir nos autoenganando: o SINSEPES só existe através da FURB. E se o SINSEPES reflete a FURB... A FURB reflete a região... E a região está quase desistindo da FURB. Assim, o declínio institucional da FURB delimita o padrão de atuação do SINSEPES. Isto significa que a medida que a FURB perde centralidade no desenvolvimento regional, o SINSEPES precisa expandir sua agenda para além dos interesses do campus.